



St Helen's
Bishopsgate

RECURSOS DE ESTUDO DA BÍBLIA

Evangelho de Marcos



ÍNDICE

MARCOS 1.1-15.....	p.3
MARCOS 1.16-39.....	p.6
MARCOS 1.40-2.17.....	p.9
MARCOS 2.18-3.35.....	p.12
MARCOS 4.1-34.....	p.16
MARCOS 4.35-5.43.....	p.19
MARCOS 6.1-30.....	p.22
MARCOS 6.31-56.....	p.25
MARCOS 7.1-30.....	p.28
MARCOS 7.24-8.30.....	p.31
MARCOS 8.31-9.1.....	p.35
MARCOS 9.2-29.....	p.38
MARCOS 9.30-50.....	p.41
MARCOS 10.1-31.....	p.44
MARCOS 10.32-52.....	p.47
MARCOS 11.1-25.....	p.51
MARCOS 11.27-12.17.....	p.55
MARCOS 12.18-44.....	p.59
MARCOS 13.1-37.....	p.62
MARCOS 14.1-26.....	p.65
MARCOS 14.27-52.....	p.69
MARCOS 14.53-15.15.....	p.72
MARCOS 15.16-16.8.....	p.75

MARCOS 1.1-15

ALVO

- *Arreper-se e crer no evangelho porque o Rei prometido de Deus chegou.*

CONTEXTO

Marcos é claro ao mostrar que seu livro é sobre o evangelho (1.1 – boas novas). Existe uma sugestão de que o “evangelho” possa ter sido um termo técnico muito popular no momento da redação de Marcos. Referia-se aos relatos escritos para anunciar as boas novas da vitória militar no império romano. Marcos pode estar usando deliberadamente essa palavra para dizer que alguém maior que o imperador chegou e este alguém é Jesus Cristo.

As duas descrições de Jesus usadas no versículo 1 modelam o material a seguir. A ideia de Jesus como **Cristo** será o foco dos capítulos 1 – 8 e culmina em 8.29 com a confissão de Pedro de que Jesus é o Cristo. A ideia de Jesus como **Filho de Deus** será o foco dos capítulos 9 – 16 e culmina em 15.39 com a confissão do centurião de que Jesus é o Filho de Deus.

ESTRUTURA

1.1-3 – O Antigo Testamento anuncia o Rei.

1.4-8 – O Profeta anuncia o Rei.

1.9-11 – Deus o Pai anuncia o Rei.

1.12-13 – O Rei é provado.

1.14-15 – O Rei anuncia o Reino.

1. O ANTIGO TESTAMENTO ANUNCIA O REI DE DEUS (1.1-3)

O evangelho de Marcos não começa com o nascimento de Jesus. Pelo contrário, começa com duas citações do Antigo Testamento (Malaquias 3.1-15 e Isaías 40.1-5). O objetivo é demonstrar que Jesus é o cumprimento da esperança do AT sobre a chegada de um Messias. Jesus não aparece no palco da história do nada. Sua vinda foi predita e antecipada pelos profetas.

- *Malaquias* fala de um mensageiro (identificado em Ml 4.5 como Elias) que prepararia o caminho para a chegada de Deus. Essa vinda seria para julgamento.
- A passagem do profeta *Isaías* abre uma seção de profecia que aguarda com expectativa a vinda do servo que salvará o povo de Deus.

2. O PROFETA ANUNCIA O REI DE DEUS (1.4-8)

O v.4 torna explícito o fato de que as profecias do AT estão próximas de serem cumpridas – o mensageiro que segue adiante do Messias está agora preparando o caminho do Senhor.

O ministério de batismo de João demonstra que a história está mudando e que essa mudança exige um retorno para Deus. O batismo era uma prática comum no judaísmo, mas geralmente para os gentios que desejavam se identificar com o povo de Deus. Portanto, os judeus pelo batismo estavam expressando seu desejo de viver uma nova vida de arrependimento como resposta ao perdão de Deus.

João é claro em sua pregação nos vs.7-8 e em sua posição de que ele é apenas um precursor. Ele traz o símbolo (batismo na água), mas aquele que vem depois dele trará a realidade (batismo no Espírito). O contraste é reforçado pela afirmação de João de que ele não é digno de realizar a tarefa mais simples para aquele que está por vir.

3. DEUS O PAI ANUNCIA O SEU REI (1.9-11)

O v.9 é surpreendente à luz de tudo que se passou antes. João acabou de expressar sua inferioridade àquele que virá e, no entanto, nós agora encontramos Jesus se submetendo ao batismo de João. O que está acontecendo?

A cena deve ser lida no contexto do AT. Os reis de Deus foram ungidos pelo profeta e receberam o Espírito Santo como consequência (1Samuel 10.1-13 – Saul; 16.13 – Davi). Um nome comum para o rei era “Filho de Deus” (Salmo 2).

Portanto, com isso em mente, podemos ver uma estrutura semelhante em ação no batismo de Jesus – o profeta (João Batista) unge o Rei no batismo. O Rei recebe o sinal do Espírito Santo (v.10) e o nome divino de Filho (v.11).

O reconhecimento de Deus para com Jesus indica que tudo que ele fará e dirá tem aprovação Divina.

4. O REI DE DEUS É PROVADO (1.12-13)

Novamente, o v.12 marca uma mudança repentina. Vários comentaristas enfatizam a localização e dizem que Jesus está recapitulando a experiência de Israel no deserto. Essa ideia está presente em alguns dos outros evangelhos (como Lucas 4, onde é explícito), mas não parece fazer parte da agenda de Marcos. Da mesma forma, a ideia de que Marcos está estabelecendo Jesus como segundo Adão (devido à presença dos animais selvagens – “feras”) é fantasiosa.

A intenção de Marcos parece não ser mais ou menos que estabelecer que o conflito com Satanás será uma parte importante do ministério de Jesus. Esse tema se repetirá ao longo de Marcos, começando mais adiante neste capítulo (v.24).

5. O REI DE DEUS ANUNCIA O REINO (1.14-15)

A interpretação dos **vs.12-13** como sendo central sobre o conflito, é confirmada no **v.14** quando Marcos nos diz que João foi preso. Se é assim que o “que clama no deserto” é tratado, o que o Filho de Deus pode esperar?

O **v.15** contém as primeiras palavras de Jesus em Marcos e, portanto, deve ser significativo:

- *“o tempo está cumprido”* – nos leva de volta à virada da história: tudo que o AT aguardava agora está prestes a acontecer.
- *“o reino de Deus está próximo”* – o reino de Deus não é um conceito geográfico. Antes, é um conceito dinâmico que se refere ao Reino de Deus, onde e quando ele for encontrado. Está “agora em mãos” desde que o Rei chegou em Jesus.
- *“arrependa-se e creia”* – esta é a única resposta possível a essa nova realidade. A vida não pode continuar como normal. A vida tem que mudar. A partir de agora tem que ser vivido em obediência ao Rei (então se arrependa) e tem que ser vivido em compromisso com o Rei (então creia).

PENSANSO NISSO

Como essa passagem muda a maneira como penso sobre a identidade e a tarefa de Jesus?

Em que áreas o texto me desafia a me arrepender e crer hoje?

MARCOS 1.16-39

ALVO

- *Reconhecer que Jesus governa sobre toda realidade.*
- *Para ouvir as palavras de Jesus.*

CONTEXTO

Marcos nos apresentou o Rei de Deus – Jesus Cristo, o Filho de Deus (1.1). Jesus não apenas é o evangelho, mas também o que anuncia – “o reino de Deus está próximo” (1.15). Marcos agora estabelece o alcance do governo de Jesus através de vários incidentes. E conclui esta seção estabelecendo a prioridade de Jesus.

Esta segunda parte também forma o início de uma grande seção de Marcos, que termina em 3.6 com os fariseus procurando uma maneira de matar Jesus. A oposição a Jesus será revelada em toda seção. Mas Marcos já nos sinalizou esse tema em 1.12-14.

ESTRUTURA

1.16-34 – O Rei demonstra sua autoridade.

1.35-39 – O Rei declara sua prioridade.

1. O REI DEMONSTRA SUA AUTORIDADE (1.16-34)

Marcos registra 4 incidentes que estabelecem o alcance amplo da autoridade real de Cristo.

i. Autoridade sobre os homens (1.16-20)

Jesus dá uma ordem para Simão e André em 1.17 e no v.18 é dito a nós que eles o seguiram imediatamente. O mesmo padrão é repetido nos vs.19-20 com Tiago e João. Um rabino (mestre) normalmente esperava que as pessoas o seguissem, mas aqui Jesus emite comandos soberanos. O ponto é que Jesus tem total autoridade sobre os homens. Ele tem o direito, como Rei de Deus, de exigir total obediência dos seres humanos.

Marcos também nos dá um exemplo concreto do que significa se arrepender e crer no evangelho que segue a partir de 1.15. Seguir a Jesus envolve deixar tudo – trabalho (v.19) e família (v.20). Marcos retornará a este assunto em 3.35; 8.34-38; 10.21, 29-31.

ii. Autoridade para ensinar (1.21-22)

Marcos exemplificou o poder das palavras de Jesus nos vs.17-18. Ele agora reforça esse tema no cenário da sinagoga. O ponto é claro: Jesus ensina como “alguém que tem autoridade”. Este não é

um professor comum, Jesus não ensina como os escribas. De fato, seu ensino é tão extraordinário que o povo ficou maravilhado da sua doutrina (v.22).

iii. Autoridade sobre os demônios (1.23-28)

Jesus é confrontado por um homem com um espírito imundo. O espírito tem uma visão ortodoxa da identidade de Jesus: “o santo de Deus” que veio para destruí-los (v.24). Novamente, Marcos chama a atenção para a autoridade da palavra de Jesus no v.25, quando ele repreende, silencia e exorciza o espírito maligno causando um impacto imediato.

Jesus silencia os espíritos malignos por várias razões. *Primeiro*, como uma demonstração de sua autoridade sobre eles. Os espíritos controlavam o homem, mas Jesus agora os controla. *Segundo*, Jesus quer revelar sua identidade em seus termos e em seu tempo, não do modo e no tempo deles. Portanto, mesmo que a identificação deles seja precisa, Jesus os silencia.

Novamente Marcos está interessado na reação da multidão. Eles ficam impressionados no v.27 e fazem a pergunta “o que é isso?”, enquanto consideram como Jesus ordena a obediência dos espíritos malignos. Esta é a pergunta que Marcos quer constantemente colocar diante de nós: “o que é isso?” e “quem pode fazer essas coisas?”.

iv. Autoridade sobre doenças (1.29-31)

Finalmente, Jesus é levado para ver a sogra doente de Simão. A essa altura o resultado é previsível: ela está bem. Curiosamente, Marcos não registra que Jesus disse alguma coisa (v.31). As ações de Jesus a curam (v.31).

Conclusão

Marcos quer que vejamos que Jesus tem autoridade em todas as áreas da vida no mundo de Deus. Ele é o Senhor da humanidade (vs.16-20) com autoridade surpreendente para ensinar (vs.21-22). Jesus veio para reverter os efeitos da queda ao silenciar espíritos malignos (vs.23-28) e curar doenças (vs.29-31).

Marcos reúne todo esse material nos vs.32-33, como ele descreve em termos gerais, a resposta que Jesus gerou. Marcos nos sinalizou uma seleção deliberada de incidentes nos vs.16-31, e nos diz novamente no v.34 que Jesus “curou muitos” que estavam doentes de possessão demoníaca. Os vs.16-31 não fora por acaso.

2. O REI DECLARA SUA PRIORIDADE (1.35-39)

Os vs.32-34 formam uma introdução aos vs.35-39. Jesus está ganhando uma reputação significativa como curandeiro/exorcista em toda cidade de Cafarnaum (v.33).

Portanto, é ainda mais impressionante que ele se levante de manhã cedo e se retire para orar em um lugar deserto (v.35). Por que Jesus não se levantou alta madrugada e voltou a trabalhar curando e exorcizando demônios? A necessidade é imensa.

Marcos em alguns momentos mostra Jesus se retirando periodicamente para orar. Ele registra pelo menos três destes momentos (aqui no texto e em 6.46 e 14.32-42). Isso acontece a cada vez que Jesus está enfrentando um tempo de crise e decisão. As palavras dos discípulos no v.37 reforçam a natureza da decisão que Jesus enfrenta: ele cederá às demandas da multidão e será um milagreiro popular ou suas prioridades estarão em primeiro lugar?

Jesus é inequívoco em sua prioridade. Ele escolhe deixar Cafarnaum (e todos os doentes) para pregar nas cidades vizinhas (v.38). Jesus deixa claro que ele veio para pregar (v.38).

Curiosamente, o v.39 continua nos dizendo que Jesus prega por toda Galiléia, mas também que ele estava envolvido em “expulsar demônios”. O estabelecimento de sua prioridade para pregar não significa que Jesus agora negligencie seu ministério holístico. A cura e o exorcismo reaparecem frequentemente no evangelho de Marcos, muitas vezes com um propósito de ensino. Mas não são “meras” ilustrações, eles dizem algo substantivo sobre o tipo de Reino que Jesus veio trazer. No entanto, a prioridade da pregação significa que, para entender seu significado, devemos ouvir as palavras de Jesus quando ele as interpreta para nós. Este é o grande ponto a ser tirado desta seção: daqui em diante, no evangelho de Marcos, ouça as palavras de Jesus.

PENSANDO NISSO

Como limitamos a autoridade de Jesus?

De que maneira evitamos ouvir as palavras de Jesus?

MARCOS 1.40 – 2.17

ALVO

- *Maravilhar-se por Jesus ter autoridade para perdoar e purificar pecadores.*
- *Ver que a prioridade de Jesus é perdoar pecadores.*

CONTEXTO

Marcos anunciou a chegada do rei de Deus, Jesus Cristo, em 1.1-15. Ele passou a demonstrar o alcance da autoridade real de Cristo em 1.16-33 e sua prioridade de pregar em 1.34-39.

Agora, em 1.40 – 2.17, Marcos restringe o foco para demonstrar a prioridade do exercício de Cristo de sua autoridade real: o perdão dos pecados.

A próxima passagem também inicia uma seção em que o conflito com Satanás (introduzido em 1.13) começa a tomar forma concreta na interação entre Jesus e os fariseus. Marcos usa uma série de perguntas cada vez mais hostis (2.7, 16, 18, 24) para explicar esse ponto, com a seção culminando com a intenção dos fariseus de acusar e destruir Jesus (3.2, 6). Marcos quer que saibamos que o rei será rejeitado e sua autoridade será recusada pelas mesmas pessoas que deveriam reconhecê-lo.

ESTRUTURA

1.40-45 – Jesus tem autoridade para purificar.

2.1-12 – Jesus tem autoridade para perdoar.

2.13-17 – Jesus faz dos pecadores sua prioridade.

1. JESUS TEM AUTORIDADE PARA PURIFICAR (1.40-45)

Há vários pontos incidentais a serem feitos antes de vermos o ponto principal desta seção.

- (v.41) Há algumas nuances para nossa compreensão do v.38. A prioridade de Cristo em pregar não é uma técnica fria e calculista de gerenciamento de tempo. A frase “movido com piedade (cheio de compaixão)” pode ser melhor traduzido como “movido com indignação”. Indica profunda raiva de Cristo pelos efeitos do pecado em um mundo caído, como evidenciado pela perturbação deste homem. Ele o cura não apenas como um “auxílio didático”, mas também como um ato de compaixão. Também pode ser visto como uma revolta contra o governo de Satanás.
- A lepra (hanseníase) era uma doença alienante em Israel. Isolava o sofredor socialmente e espiritualmente, pois ele não teria permissão para viver entre as pessoas ou para ir ao templo da sinagoga (Levíticos 13.46).

Mais uma vez, Jesus demonstra sua autoridade. O homem percebe que Jesus tem poder para curar (daí o seu pedido no v.40), mas também que a decisão para curar é de Jesus. Jesus escolhe curar o homem no v.41 e, ao tocá-lo, mostra seu poder. No pensamento judeu, quem tocasse um leproso se tornaria cerimonialmente impuro (veja leis para a limpeza de uma casa com lepra em Lv 14.36). Mas Jesus, longe de se tornar impuro, limpa o homem.

Jesus cumpre a lei do AT quando diz ao homem para que vá e se mostre ao sacerdote (veja Lv 14). A natureza da prova (v.44) não está imediatamente clara. Pode ser uma prova de que o homem é cerimonialmente limpo; pode ser uma prova de que Jesus o curou. De qualquer maneira, a seção mostra que Jesus tem autoridade para purificar.

O incidente antecipa o que está por vir, na medida em que parece haver uma estreita ligação simbólica entre lepra e pecado no AT. Isso não significa que os leprosos eram culpados de pecados específicos que outros não eram. No entanto, a lepra parece apontar para uma realidade mais profunda do pecado. Portanto, entre as ofertas a serem feitas em Levítico 14, há ofertas de expiação. Portanto, Jesus, ao curar o leproso, está demonstrando sua autoridade para fornecer verdadeira limpeza além do meramente físico.

2. JESUS TEM AUTORIDADE PARA PERDOAR (2.1-12)

Este incidente é muito familiar para muitos de nós. De fato, esse excesso de familiaridade pode nos imunizar contra a natureza profundamente chocante da narrativa. Jesus agora está fazendo o que esperaríamos dele: ele está pregando (v.2a). É uma história maravilhosamente dramática: 4 homens arrancando o telhado e deixando seu amigo aos pés de Jesus (vs.2-4).

O choque vem no v.5. Jesus, plenamente consciente da intensa necessidade física do homem, escolhe dizer a ele que seus pecados foram perdoados. Ele faz isso em resposta à fé do homem e de seus amigos, fé nele como alguém que pode curar. O perdão dos pecados parece ser mais importante na agenda de Jesus do que o alívio do sofrimento físico.

Os escribas veem a importância do que ele acabou de fazer (v.7): “Ele está blasfemando. Quem pode perdoar pecados, a não ser somente Deus?”. Jesus dá duas indicações de que ele é Deus:

- i. Jesus discerne as perguntas não ditas dos escribas (v.8).
- ii. Jesus se autodenomina o Filho do Homem (v.10).
 - O Filho do Homem é uma figura do AT mencionada em Daniel 7.13-15.
 - Ele é apresentado a Deus Daniel 7.13.
 - Ele é uma figura divina que recebe o serviço/adoração das nações em um reino eterno Daniel 7.14-15.

Jesus deixa claro que ele curará o paraplégico como um sinal de que ele tem autoridade para perdoar seus pecados (v.10). É fácil dizer “seus pecados estão perdoados”, mas é difícil de fazer.

Considerando que superficialmente é mais difícil dizer “levante-se, pegue sua cama e ande”, pois todos verão se você foi ou não bem-sucedido.

Portanto, quando Jesus cura com êxito o parálítico a multidão ficou “maravilhada e glorificou a Deus”, presumivelmente, já que Jesus mostrou sua autoridade para curar e perdoar. Observe que a multidão não é ingênua: “nunca vimos nada assim”.

3. JESUS FAZ DOS PECADORES SUA PRIORIDADE (2.13-17)

O chamado de Levi é muito semelhante às histórias de chamado em 1.16-20. Mais uma vez, vemos a autoridade de Jesus sobre os homens. No entanto, aqui ele serve para uma função maior. Marcos quer que saibamos que isso ocorre no contexto de Jesus ensinando a multidão (v.13). Isso deve ilustrar um argumento que Jesus deseja fazer. Nos é dada uma dica quando nos dizem que Levi estava “sentado na coletoria”.

Os cobradores de impostos eram párias sociais e não espirituais. Eles coletavam impostos em nome da força de ocupação romana e costumavam explorar seus compatriotas. Como resultado, eles foram vistos como inimigos de Deus e de seu povo.

Notavelmente, Jesus não apenas chama esse homem para segui-lo, mas também se senta à mesa em sua casa com muitos outros como ele. Comer com uma pessoa na cultura de Cristo era um profundo sinal de aceitação. Isso leva os fariseus do v.16 a fazer a pergunta: “Por que ele come com coletores de impostos e pecadores?”.

A resposta que Jesus lhes dá no v.17 é a segunda declaração de propósito em Marcos e, portanto, tem um significado particular. Não fique preocupado demais por que Jesus pode se referir aos fariseus como “sem necessidade de médico” ou “justos” (provavelmente é ironia, pois a narrativa que se desdobra em 3.6 demonstra quão longe de Deus eles estão). O ponto principal a que Jesus se refere é que ele veio para os pecadores. Jesus chama Levi e come com ele e seus amigos para ilustrar essa realidade.

PENSANDO NISSO

Jesus faz de sua prioridade perdoar o pecado. Fomos perdoados por ele?

Como ficamos maravilhados com o poder de Jesus para perdoar o pecado?

MARCOS 2.18 – 3.35

ALVO

- *Ver que a crescente oposição a Jesus é evidência da rejeição do antigo Israel e do chamado de um novo Israel por Jesus.*

CONTEXTO

Marcos estabeleceu a autoridade de Jesus como rei de Deus nos primeiros capítulos de seu evangelho. Em 1.40 – 2.17, Marcos mostrou a autoridade e a prioridade de Jesus para purificar e perdoar pecadores enquanto ele prega.

Também vimos o crescimento da oposição a Jesus pelas forças satânicas (1.13, 24) e humanas (2.7, 16). Essa oposição agora começa a crescer nesta seção, culminando na resolução de 3.6 e tornando-se concreta nos eventos do restante da passagem.

Diante dessa oposição, Jesus continuará exercendo sua autoridade conforme define e chama um novo povo de Deus. Esse povo transcenderá todas as fronteiras nacionais, étnicas e biológicas usuais.

ESTRUTURA

2.18 – 3.6 – O Rei de Deus tem autoridade sobre uma nova era (mesmo com oposições).

3.7-35 – O Rei de Deus tem autoridade sobre um novo povo (mesmo com oposições).

1. O REI DE DEUS TEM AUTORIDADE SOBRE UMA NOVA ERA (2.18 – 3.6)

Os três incidentes desta seção giram em torno das práticas religiosas do jejum (2.18-22) e da guarda do sábado (2.23 – 3.6). Todos os três incidentes giram em torno de perguntas provocativas, primeiro dos oponentes de Jesus (2.18,24) e depois do próprio Jesus (3.4). A atmosfera cresce cada vez mais venenosa até chegarmos à resolução em 3.6, que informará muito do que ocorrerá no evangelho de Marcos a partir de agora.

A. “Por que seus discípulos não jejuam?” (2.18-22)

O jejum era exigido pela lei judaica apenas no dia da expiação (como um sinal de tristeza pelo pecado – Levíticos 16.29 “aflição (afligireis a vossa alma)” também pode ser traduzido como “vocês se humilharão” de acordo com a NVI, que em sua nota trás “jejuarão”). Era prática regular por parte de alguns judeus, estando os discípulos de João e os fariseus entre eles (2.18). Deus não se impressiona com o jejuar no AT (Isaías 58), mas olha para frente, para um tempo de alegria quando o messias chegar (Is 65.17-18; Jr 31.31-34; Ez 36.26).

Portanto, a resposta que Jesus dá à pergunta de 2.18 é que o jejum triste é inapropriado, uma vez que chegou a hora da alegria messiânica Nele. A verdadeira purificação que o dia da expiação antecipou chegou Nele (1.40 – 2.12). Quando Jesus se for, haverá tempo para jejuar. Chegou uma nova era que muda todas as práticas antigas (2.21-22).

Jesus chama a si mesmo de “noivo”, o que provavelmente é uma alusão à descrição do AT de Deus como marido/noivo de Israel (Os 2.16-20; Is 54.5; 62.4-5). Ele é o messias divino que inaugura uma nova era.

B. “Por que eles estão fazendo o que não é lícito no sábado” (2.23-28)

O sábado no AT foi planejado para ensinar a Israel que seu descanso estava, em última análise, somente em Deus. Ele proporcionaria um descanso eterno e duradouro para eles (Hb 3.7 – 4.11). Os fariseus vão atrás dos discípulos de Jesus, pois pensam que suas ações (ceifar ou colher) constituem uma violação do sábado (Êx 34.21).

A resposta de Jesus é notável. Ele os lembra de um incidente nas profundezas do AT (1Samuel 21.1-9), que parece não ter nada a ver com o sábado. No entanto, constitui uma violação da letra da lei. Jesus pode estar dizendo que foi assim que o rei de Deus no AT agiu com autoridade para que o Rei de Deus na nova era seja igualmente livre: ele é o Senhor do sábado (v.28). Ou Jesus pode estar lembrando aos fariseus que a lei deve ser uma bênção, não um fardo para a humanidade: o sábado foi feito para o homem (v.27). Os fariseus transformaram o sábado em um fardo, mas Jesus, como Filho do Homem com autoridade e Senhor do sábado na nova era messiânica, o restaura em seu devido lugar.

C. “É lícito no sábado fazer o bem ou prejudicar?” (3.1-6)

A cura do homem com a mão ressequida no sábado confirma o ponto que Jesus é o Senhor do sábado. Jesus confronta os fariseus com sua autoridade através do uso da pergunta no v.4 (observe a paixão de Jesus no v.5) e sua cura no v.6. A cura torna concreta sua reivindicação de ser o Senhor do sábado. Jesus é quem traz o descanso final de Deus.

O versículo 6 é o clímax da seção: os fariseus nunca reconhecerão a autoridade de Jesus. Mas, também é uma preparação para tudo o que está por vir. Daqui em diante, Jesus está em uma longa marcha de morte para Jerusalém.

2. O REI DE DEUS TEM AUTORIDADE SOBRE UM NOVO POVO (3.7-35)

Esta seção tece incidentes da autoridade de Jesus no chamado de um novo Israel com a contínua rejeição do antigo Israel. Eles rejeitam Jesus e ele os rejeita.

A. Antigo Israel rejeitado, Novo Israel estabelecido (3.7-19)

Marcos parece colocar deliberadamente o incidente com a multidão nos versículos 7-12, ao lado do chamado dos apóstolos nos versículos 13-19. Ele está nos convidando a compará-los e contrastá-los.

Marcos nos dá marcadores geográficos no v.8, que descreve os limites de Israel. As multidões provam ser uma ameaça ao ministério de Jesus (v.9), como já vimos no evangelho (cf. 1.37-38). Os demônios parecem indicar uma ameaça semelhante (v.12 cf. 1.25). Marcos parece estar dizendo que a multidão, a antiga Israel étnica, não entende Jesus. Há a necessidade de um novo Israel.

Por isso, nos versículos 13-19, Jesus estabelece a base para um novo Israel. Ele o faz no monte (v.13 ecoa a experiência do Sinai no Êxodo, onde Deus constituiu Israel como seu povo) e em número de 12 (v.14 paralelo às 12 tribos de Israel). Jesus o faz com autoridade (v.13) e dá aos 12 a mesma prioridade de pregar com sua autoridade delegada (vs.14-15). Curiosamente, Marcos nos diz que mesmo dentro desse número haverá oposição (v.19). O novo Israel se parecerá muito com o antigo Israel em certos pontos.

B. Israel antigo rejeitando, novo Israel definido (3.20-35)

Esta seção é encadernada com referências à família biológica de Jesus (vs.20-21 e vs.31-35). Eles acusam Jesus de estar fora de si porque ele não come. Eles não o entendem e rejeitam seu ministério. Por isso, nos vs.31-35, Jesus deixa claro que sua verdadeira família, são aqueles que fazem a vontade de seu Pai (Os membros da família biológica de Jesus realmente entram nessa família verdadeira). Este é o verdadeiro Israel.

Dentro do contexto (o que vem logo acima) temos a seção em que Jesus interage com os escribas. Novamente, isso é deliberado por parte de Marcos: ele deseja que esses versículos sirvam como um comentário sobre a rejeição de Jesus pela família e, portanto, sobre a rejeição de alguém por qualquer motivo.

A acusação dos escribas é que Jesus realiza exorcismos no poder de Satanás (v.22). Jesus diz a eles que isso é ridículo: como Satanás pode expulsá-lo e permanecer forte (ao dizer “a casa dividida” nos vs.23-26)? Pelo contrário, o trabalho de Jesus é amarrar Satanás (“o valente”) para que ele possa saquear sua casa. A acusação dos escribas constitui o pecado imperdoável de blasfêmia contra o Espírito Santo.

“O que é a blasfêmia contra o Espírito Santo?”

O texto nos diz no v.30: é atribuir a obra de Jesus a Satanás. Fazer tal atribuição é resolver rejeitar a pessoa e a obra de Jesus. O fato de o pecado ser contra o Espírito Santo pode apontar para 1.10-11, onde a unção de Jesus pelo Espírito é um sinal de seu reinado. Portanto, blasfemar contra o Espírito é rejeitar a realeza de Jesus. Aqueles que estão preocupados se cometeram esse pecado não o terão cometido: eles precisam ouvir as palavras de segurança que Jesus dá no v.28. Quem o cometer não ficará preocupado com isso. Eles não se importarão em rejeitar Jesus.

PENSANDO NISSO

O que essa passagem nos ensinou sobre Jesus e como devemos responder a ele?

MARCOS 4.1-34

ALVO

- *Ouvir a Palavra de Deus, aceitá-la e dar frutos, pois é assim que o reino de Deus cresce.*

CONTEXTO

Marcos já anunciou Jesus como rei de Deus (1.1-15) e estabeleceu a autoridade de Jesus sobre toda a criação (1.16-34). Marcos também demonstrou a prioridade de Jesus em pregar e perdoar (1.38 – 2.17).

Em 2.18 – 3.35, Jesus demonstra essa autoridade ensinando que sua vinda inaugurou uma nova era. Ele é o noivo e o Senhor do sábado (2.18 – 3.6). Ele chama para si mesmo um novo povo, de dentro do antigo povo de Deus (3.7-19) e declara que alguém pertence a esse novo povo não por descendência biológica, mas por fazer a vontade de seu Pai (3.35). Os 12 apóstolos devem compartilhar a prioridade de Jesus em pregar e expulsar demônios (3.14-15).

Enquanto isso, a oposição vem se desenvolvendo contra Jesus. Essa oposição é satânica (1.12-13,24) e humana (3.6): vem de sua família (3.20-21) e dos líderes do povo (3.22-30).

Em Marcos 4.1-34, Jesus nos mostra o que significa fazer a vontade de Deus (cf. 3.35). Ele explica aos seus discípulos por que há uma recepção mista e muitas vezes hostil aos seus discípulos e ao ministério deles. Mas Jesus garante que o reino crescerá.

ESTRUTURA

4.1-9,14-20 – A descrição do crescimento do reino.

4.10-13,21-25 – O segredo do crescimento do reino.

4.26-34 – A garantia do crescimento do reino.

1. A DESCRIÇÃO DO CRESCIMENTO DO REINO (4.1-9,14-20)

Jesus conta uma parábola, em público, para toda multidão (v.1) e explica-a em particular a seus discípulos (vs. 10,14). O significado da parábola está centralizado na comunicação da palavra (v.14). Jesus indica que, de fato, existem apenas duas respostas definitivas à sua palavra: uma é infrutífera no final (vs.15-19) e outra frutífera no final (v.20).

No contexto de tudo o que vimos em Marcos até agora, Jesus está descrevendo as respostas variadas que vimos a seus ensinamentos. Houve receptividade à palavra de Seu chamado (1.16-20; 2.13-14; 3.13-19), mas também rejeição fundamental (3.6). A descrição do crescimento do reino diz

aos discípulos que isso é esperado. Jesus vê isso em seu ministério e sem dúvida eles o verão em seu ministério.

2. O SEGREDO DO CRESCIMENTO DO REINO (4.10-13,21-25)

Esses versículos não são fáceis, mas as duas seções são claramente unificadas pela referência ao “segredo” (vs. 11, 22). Os discípulos pedem a Jesus que explique seu método: *por que ele ensina em parábolas?* (v.10). Jesus diz que ele está dando o segredo do reino de Deus aos seus discípulos (v.11): o “segredo” no contexto parece ser *a capacidade de entender o reino*. Isso fica claro quando ele os contrasta com os “de fora” que ouvem as parábolas e *não têm a capacidade de entendê-las* (v.12).

O comentário de Jesus no v.14 é enigmático e se encaixa nessa interpretação. Entender essa parábola sobre a resposta mista à palavra (expressada por Jesus em parábolas) é entender todas as parábolas. Se você entender isso, estará entre os que ouvem com prazer a palavra.

Os versículos 21-23 levam esse ponto para casa. O segredo do reino deve ser manifestado na vida dos discípulos à medida que eles entendem as palavras de Jesus.

Então o que significa receber o segredo do reino? É ouvir a palavra de Cristo, aceitá-la e dar frutos (v.20). Jesus constantemente incentiva seus ouvintes a “ouvir” (vs.3, 9, 20, 23, 33). Esse encorajamento atinge o clímax no v.24, onde Jesus diz aos seus discípulos para que “prestem atenção”. O versículo 25 ensina que quanto mais eles “prestam atenção” ou “ouvem”, mais eles entenderão.

Mas as parábolas têm outra função de acordo com o v.12. É possível “ouvir”, mas não “entender”. Aqueles fora do reino (v.11) não entenderão: “... Aquele que não tiver, até o que tiver será levado”. Novamente, isso explica a centralidade dessa parábola (v.13). Se você não entender a parábola sobre a importância de ouvir e aceitar a palavra do reino e dar frutos, estará do lado de fora do reino.

É importante olhar para o contexto da citação no v.12 de Isaías 6.10: que continua em 6.13 para falar da preservação de um remanescente. Assim, mesmo que Jesus ensine a palavra e experimente uma ampla falta de entendimento e rejeição, Deus estará chamando um remanescente para pertencer a ele através do mesmo ensinamento.

Finalmente, Jesus exemplifica seu ponto em seu método. O segredo do reino é entender a palavra do reino que leva à aceitação e aos frutos. Assim, Jesus ensina a palavra do reino e vê tanto a compreensão de seus discípulos quanto o entendimento errado da multidão.

3. A GARANTIA DO CRESCIMENTO DO REINO (4.26-34)

A seção termina com duas parábolas que descrevem o reino e seu crescimento.

i. O crescimento do reino é inevitável (vs.26-29)

A parábola funciona como um *incentivo*. Jesus e seu ministério de pregação sofrerá oposição. O mesmo será verdadeiro para os discípulos quando seguirem o seu padrão (cf. 3.14). No entanto, o reino é imparável. A palavra do reino (cf. v.26 "semente" e v.14) inevitavelmente dará frutos (cf. v.29 e v.20).

ii. O crescimento do reino é universal (vs.30-32)

Mais uma vez, a parábola fornece *segurança*. A abrangência do reino será enorme, apesar do começo aparentemente minúsculo. A imagem se baseia em uma metáfora do AT para a grandeza. Deus promete tornar grande o restante de Israel (Ezequiel 17.22-24) como uma árvore com muitos galhos. Igualmente, ele promete derrubar as grandes árvores das nações desobedientes (Ezequiel 31 e Daniel 4).

PENSANDO NISSO

Como somos tentados a não ouvir as palavras de Jesus?

Como esta seção nos encoraja quando enfrentamos oposição e indiferença ao evangelho?

MARCOS 4.35 – 5.43

ALVO

- *Não temer, mas colocar nossa fé em Jesus, que tem autoridade sobre a natureza, Satanás e a morte.*

CONTEXTO

Jesus foi anunciado como Rei de Deus e demonstrou sua autoridade. Uma parte central de sua estratégia é ensinar e pregar (1.38; 2.2, 13; 4.1). Jesus chamou 12 homens para continuar este ministério (3.14). O conteúdo de sua pregação é que o reino de Deus está próximo e a resposta imediata é arrependimento e fé (1.15).

Ele enfatizou em 4.1-34 que a palavra sobre ele é a maneira como o reino crescerá. Ele concede entendimento aos que estão dentro do reino (4.11), mas os que estão fora do reino nunca ouvirão e entenderão (4.12). A resposta exigida em toda a seção foi “ouvir”, “ouça”, “aceitar” e “dar frutos” (4.20). A fé avança e agora é captada em 4.35 – 5.43.

O tema da oposição e rejeição continuou a partir de sua cristalização em 3.6. A parábola chave do semeador (4.13) indica que sempre haverá uma resposta mista à palavra sobre Jesus, incluindo o ataque satânico (4.15). O ensino sobre essa realidade, juntamente com as duas parábolas sobre a natureza do reino (4.26-32), prepara o leitor e os apóstolos para a resposta mista que Jesus receberá no restante de seu ministério. Isso não é inesperado. Mas também não impede que o reino cresça.

A próxima seção aborda a necessidade de fé em Jesus (4.40; 5.34, 36). Isso nos dá exemplos concretos de como é ter fé em Jesus, quando ele demonstra sua autoridade em vários domínios. Também contrasta a fé com um medo errado de Jesus, que se recusa a ter fé nele (4.40; 5.15, 37).

ESTRUTURA

4.35-41 – Creia em Jesus que governa sobre a natureza.

5.1-20 – Creia em Jesus que governa sobre satanás.

5.21-43 – Creia em Jesus que governa sobre a morte.

1. CREIA EM JESUS QUE GOVERNA SOBRE A NATUREZA (4.35-41).

Jesus mais uma vez estabelece sua identidade e autoridade nesses versículos. O mar revolto no AT sempre foi um símbolo do caos e das forças que se opunham a Deus (Salmo 89.9; 104.7; Jonas 1.4, 15). Também simbolizava as provações do justo cuja única ajuda é Deus (Salmo 46.13). O único que é capaz de elevar e acalmar a tempestade no AT é o próprio Deus (Salmo 107.23-30).

Portanto, o acalmar a tempestade por Jesus com três palavras (v.39) é mais do que um milagre impressionante. É uma demonstração da autoridade divina sobre a natureza. Marcos enfatiza quão poderosa é essa ação pela descrição da força da tempestade e seus efeitos no barco no v.37.

A pergunta que os discípulos levantam no v.41 foi projetada para suscitar uma pergunta semelhante na mente do leitor de Marcos. Resposta: “o próprio Deus”.

Mas, no centro do incidente, há um contraste entre fé e medo. Os discípulos em seu medo questionam a preocupação de Jesus (v.38). Ele, por sua vez, questiona o medo deles (v.40). A implicação de sua segunda pergunta (“Vocês ainda não têm fé?”) é que, se eles tivessem compreendido sua identidade, teriam confiado nele para acalmar a tempestade. Não está claro se o “grande medo” do v.41 é uma continuação da incredulidade ou uma resposta apropriada à revelação da identidade de Jesus. Seja qual for, o foco do incidente é que Jesus é Deus, Senhor da natureza, portanto, não tenha medo de confiar nele.

2. CREIA EM JESUS QUE GOVERNA SOBRE SATANÁS (5.1-20)

Novamente, Marcos se esforça para enfatizar a escala do problema enfrentado pelo homem possuído por demônios e, portanto, a escala correspondente do milagre que Jesus realiza (5.35, 9-13). Livrar este homem das garras de Satanás exigirá poder divino. Mais uma vez o milagre nos obriga a confrontar a autoridade e a identidade de Jesus.

Ironicamente, o demônio reconhece a identidade de Jesus (v.7 cf. 1.24) na maneira que os discípulos ainda não conseguem reconhecer. Jesus tem total controle sobre esses demônios: eles imploram (v.10, 12) e Jesus lhes dá permissão (v.13). O banimento para os porcos indica a natureza destrutiva dos demônios, bem como o poder de Jesus.

Marcos termina o incidente com um contraste deliberado entre os pastores/pessoas (vs.14-17) e o endemoninhado restaurado (vs.18-20). Os pastores “fogem e anunciam” (v.14) e, da mesma forma, o endemoninhado “vai e proclama” (v.20). A narração dos pastores faz com que as pessoas da região tenham medo de Jesus (v.15) e “imploram” a Jesus para deixar sua terra (v.17). Em contraste, o endemoninhado curado “implora” para ir com Jesus (v.18), mas Jesus o envia para ir e proclamar tudo o que Ele misericordiosamente fez por ele. O endemoninhado, com fé obediente, faz exatamente como lhe foi dito no v.20 e o resultado é que “todos ficavam admirados”. A razão pela qual Jesus diz ao homem para ir e proclamar quando ele se esforçou para silenciar os outros (1.25, 44; 3.12; 5.43) é provavelmente porque ele está em um território gentio de criação de porcos, onde a chance de um movimento messiânico mal orientado é mínimo.

Marcos está nos perguntando: “Você terá medo de Jesus e o mandará embora ou confiará em Jesus e fará o que ele diz?”

3. CREIA EM JESUS QUE GOVERNA SOBRE A MORTE (5.21-43)

Aqui Marcos caracteristicamente reconta dois incidentes como um sanduíche (cf. 3.20-35). Presumimos que ele deseja que os dois comentem um sobre o outro. Mais uma vez, é enfatizada a escala do problema enfrentado pelas duas pessoas (v.23, 25-26, 35). Jesus deve demonstrar poder e autoridade divinos para que sejam curados.

A cura da mulher com um fluxo de sangue funciona para retardar a chegada de Jesus na casa de Jairo. Quando Jairo encontra Jesus pela primeira vez, sua filha está perto da morte (v.23), mas quando Jesus finalmente chega à casa, a menina já estava morta. Jairo demonstra fé em ir até Jesus acreditando que ele pode curar sua filha (v.23) e é encorajado por Jesus a não temer, mas a continuar acreditando mesmo quando chegar a notícia da morte de sua filha (v.36). Jesus ressuscita a garotinha dentre os mortos em resposta à fé de Jairo.

Observe que a cura é imediata (v.42) e pública (v.40). Os únicos eventos de ressurreição dos mortos no AT por meio de Elias e Eliseu foram claramente realizados por Deus em resposta às suas orações (1Reis 17.17-24; 2Reis 4.32-35). Jesus não ora, Ele cura a menina com a sua própria palavra. A implicação é óbvia: Jesus é Deus.

A cura da mulher segue um padrão semelhante: se Jairo tiver fé e sua filha for curada, então a mulher também terá fé e será curada (v.34). Note que ela tem medo de Jesus (v.33), mas Jesus a manda ir em paz (v.34 cf. v.19). O ponto principal no qual os dois incidentes se voltam parece ser o ditado de Jesus no v.36: “Não tenha medo, crê somente”.

PENSANDO NISSO

Por que eu deixo de confiar em Jesus?

Como posso confiar mais em Jesus?

MARCOS 6.1-30

ALVO

- *Para ver as consequências da rejeição ao ensino de Jesus.*

CONTEXTO

Marcos anunciou e estabeleceu a autoridade real e a prioridade de Jesus para curar, pregar e perdoar pecadores (capítulos 1 – 2). A chegada de Jesus inicia uma nova era e marca o chamado de um novo povo (capítulo 3). A parábola do semeador (capítulo 4) é fundamental para tudo o que se segue, uma vez que enfatiza a necessidade de ouvir e aceitar as palavras autorizadas de Jesus. Os incidentes do capítulo 5 demonstram como é ouvir e aceitar a palavra de Jesus. Eles pintam um quadro de aceitação fiel em contraste com a rejeição medrosa.

Em contraste, o capítulo 6 começa com uma sequência de incidentes que demonstram a dimensão negativa da parábola do semeador. As três histórias se concentram na rejeição a Jesus (v.16) e de suas testemunhas autorizadas (apóstolos e profetas nos vs.7-30). As histórias deixam claras as consequências da rejeição aos ensinamentos de Jesus.

As histórias também continuam pressionando o tema da identidade de Jesus (veja as perguntas em 6.13) e a autoridade de Jesus (6.7)

ESTRUTURA

6.1-6 – Rejeitando Jesus.

6.7-13 – Rejeitando os apóstolos.

6.14-30 – Rejeitando o profeta.

1. REJEITANDO JESUS (6.1-6).

Nesta seção encontramos Jesus em sua cidade natal (v.1) e claramente começa e termina com ele ensinando (v.2a; v.6b). Marcos quer destacar a resposta que Jesus recebe ao seu ensino. Assumimos que Jesus estava pregando a mensagem que foi resumida para nós em 1.15 e, como resultado, chamando as pessoas ao arrependimento.

Marcos descreve a resposta em desenvolvimento a Jesus:

i. Espanto (v.2).

O espanto da multidão está enraizado na incapacidade de ver além de Jesus como o “filho do carpinteiro”. Eles falham em reconhecer Jesus como rei de Deus e, em vez disso, apenas veem as conexões de sua família. Portanto, eles caminha para...

ii. Ofensa (v.3b).

Jesus não parece estar chocado com essa resposta. No versículo 4, ele profere um ditado proverbial que mais uma vez retrata sua família de maneira negativa (cf. 3.20-21, 31-35). Em contraste, sua verdadeira família são aqueles que fazem a vontade de Deus (3.25) e o aceitam com fé por quem ele realmente é.

A aparente incapacidade de Cristo para fazer milagres no local não resulta da falta de poder em seu favor (ele faz alguns milagres (v.5b)). Pelo contrário, resulta da falta de fé que ele encontra na cidade. A parábola do semeador nos mostrou a importância da fé e o capítulo 5 tornou isso concreto para nós. Sem fé, sem reconhecimento da identidade de Jesus, sem milagres. Jesus julga a falta de fé Nele.

iii. Descrença (v.6).

O incidente termina com Jesus maravilhado com a incredulidade deles. A consequência é que Ele os deixa e vai para outras aldeias para ensinar. Rejeição não significa que a missão de Jesus seja frustrada. Em vez disso, significa que Jesus vai e ensina em outro lugar. Novamente, a parábola do semeador está sendo trabalhada em 4.24: “Porque, para quem tem, mais será dado, e para quem não tem, até o que ele tem será tirado”.

2. REJEITANDO OS APÓSTOLOS (6.7-13).

O envio dos doze (cf. 3.13-19), sob muitos aspectos, obscurece o tratamento de Jesus em sua cidade natal. Eles receberam autoridade de Jesus para expulsar espíritos impuros (v.7) e essa autoridade é trabalhada nos vs.12-13 juntamente com a pregação do arrependimento.

No meio, Jesus os prepara para a reação que receberão. Ele está particularmente preocupado em dar-lhes instruções sobre como responder quando eles são rejeitados. O versículo 11 descreve a recusa de uma cidade em "recebê-los" ou em "ouvi-los". Eles devem sacudir o pó dos pés como um testemunho contra eles, implicando que devem deixar a cidade e pregar em outro lugar (cf. 6.6).

Portanto, os apóstolos estão recebendo uma tarefa específica de Jesus. Suas ações e palavras carregam sua autoridade. Rejeitar o ensino deles é rejeitar o ensino de Jesus. Rejeitá-los é rejeitar a Jesus. A consequência de rejeitá-los é que seus ensinamentos são retirados (v.11 cf. 4.24).

3. REJEITANDO O PROFETA (6.14-30).

Nos versículos 14-16, Marcos parece estabelecer um contraste com 8.27-29. A última passagem resulta em uma avaliação correta da identidade de Jesus, enquanto a passagem anterior resulta na rejeição de seu profeta e, portanto, Dele também.

João Batista, como Jesus e os apóstolos, tem pregado arrependimento a Herodes (v.18 cf. 1.4). A resposta de Herodes a João é mais uma vez confusa, ele o teme e o mantém em segurança (v.20a). No entanto, quando se trata da atividade crucial de ouvir suas palavras (v.20b, cf. 4.20), Herodes fica muito perplexo, mesmo que o ouça com alegria. Ele parece ser aquele a quem o significado está oculto e não entende (cf. 4.12). Quando a filha de Herodias pede a cabeça de João, Herodes expressa tristeza (v.26), mas acaba por considerar sua própria palavra mais importante que a de João. O resultado é que João é rejeitado de uma maneira final e é morto. Não haverá mais ensino para Herodes.

Marcos provavelmente está sugerindo um paralelo entre a morte de João e a morte final de Jesus. Se é isso que acontece com o servo, o que acontecerá com o mestre (cf. 1.7)? Veja mais uma vez o paralelo em 8.27-30, que é imediatamente seguido por uma previsão de Jesus sobre sua morte. Além disso, a conclusão da história em 6.29 encontra eco em 15.42-47.

CONCLUSÃO

O padrão de Marcos 6 parece ser a pregação do arrependimento por Jesus, os apóstolos e João. Esse chamado ao arrependimento é rejeitado e resulta na retirada de outros ensinamentos.

PENSANDO NISSO

Como isso desafia nosso pensamento sobre Jesus e os apóstolos?

Como sabemos se estamos rejeitando os ensinamentos de Jesus?

MARCOS 6.31-56

ALVO

- *Reconhecer Jesus como Deus que veio para resgatar o seu povo.*

CONTEXTO

O capítulo 4 iniciou uma sequência de incidentes que apontavam para a necessidade de ouvir as palavras de Jesus e as palavras sobre Jesus. O capítulo 5 nos mostrou como é ter fé em Jesus. O capítulo 6.1-30 nos mostrou as consequências de rejeitar as palavras de Jesus e se recusar ao arrependimento. Essa sequência, vista de outra perspectiva, reafirma a pregação de Jesus no capítulo 1.15: “Arrependa-se e creia no evangelho”.

Até agora, Marcos nos contou várias coisas sobre a identidade de Jesus. Ele é "Jesus Cristo, o Filho de Deus" (1.1); Ele é o rei de Deus (1.9-11); Ele tem autoridade divina como o Filho do Homem (2.1-12); Ele é o noivo (2.18-22) e o Senhor do sábado (2.28); Ele é Deus que acalma a tempestade (4.35-41); Ele é o profeta (6.4).

Marcos também nos falou sobre a tarefa de Jesus. Ele veio para batizar com o Espírito (1.8); Ele veio para anunciar o reino (1.15); Ele veio para pregar (1.38); Ele veio para purificar e perdoar o pecado ao chamar pecadores para si mesmo (1.40 – 2.17); Ele veio para chamar um novo povo (3.13-35).

O capítulo 6.31-56 apresenta um novo tema sobre a identidade e a tarefa de Jesus. Ele é Deus que veio cumprir a promessa de resgate do Antigo Testamento para o seu povo.

ESTRUTURA

6.31-44 – Jesus é o Pastor Salvador Prometido de Deus.

6.45-56 – Jesus é Deus que veio Salvar.

1. JESUS É O PASTOR SALVADOR PROMETIDO DE DEUS (6.31-44).

Uma primeira leitura desta seção nos fará notar vários temas que vimos anteriormente em Marcos: Jesus têm compaixão das pessoas (v.34 cf. 1.41) e realiza um milagre extraordinário. No entanto, há várias pistas na passagem que nos forçam a ver um significado mais completo além do estabelecimento da autoridade de Jesus. Eles se enquadram em duas categorias:

i. Jesus como Pastor

O v.34, “... eles eram como ovelhas sem pastor”, imediatamente estabelece uma conexão com o AT. Em 1Reis 22, durante o reinado do maligno rei Acabe, o profeta Micaías descreve Israel como “...

ovelhas que não têm pastor”. Portanto, a frase se refere a pessoas que não têm um rei ou que têm líderes que falharam.

Esse entendimento é confirmado por outra grande profecia do AT sobre o povo de Deus que precisa de um pastor em Ezequiel 34:

- Descreve o fracasso dos pastores de Israel (os líderes religiosos) em alimentar seu rebanho (Ez 34.16).
- Deus promete juízo contra os pastores e promete resgatar suas ovelhas (Ez 34.7-10).
- Deus promete buscar suas ovelhas, resgatá-las, reuni-las e alimentá-las em pastagens ricas (Ez 34.11-16).
- Deus promete que seu grande rei, Davi, será o único pastor que alimentará as ovelhas (Ez 34.23).

Portanto, quando Jesus alimenta o povo de Israel (observe os doze cestos deixados em Marcos 6.43) em Marcos 6, ele está reivindicando ser o único pastor real do povo de Deus. Foi ele quem buscou as ovelhas perdidas (cf. 2.17) e as resgatou.

ii. Jesus como Salvador.

A outra principal alusão ao AT em Marcos 6 é a experiência do Êxodo. Marcos enfatiza que Jesus e o povo se encontram em um “lugar deserto” (vs.31, 32, 35) que ressoa com o povo de Deus no deserto após o resgate do Egito.

Por isso, torna-se cada vez mais significativo que Jesus escolhe milagrosamente alimentá-los neste lugar. Deus fez isso por Israel no deserto, ao fornecer codornas e maná para eles (Êxodo 16). Também é significativo que, em Êxodo 16, é o maná (pão do céu) que deve ser mantido como testemunho da provisão e libertação de Deus (Êxodo 16.31-36). Marcos de maneira semelhante apresenta o pão como tendo um significado particular (cf. 6.44, 52; 8.17-21). Ele foi projetado para ensinar que Deus finalmente veio do céu para resgatar seu povo. Jesus ao alimentar seu povo no deserto, faz com que eles entendam que o êxodo final começou com a sua chegada.

2. JESUS É DEUS QUE VEIO SALVAR (6.45-56).

Este segundo incidente complementa o primeiro, pois também se refere à experiência do Êxodo. Aqui estão as pistas:

i. *Observe o v.48.* Jesus caminha sobre as águas e “estava já a ponto de passar por eles” (“tomar-lhes a dianteira”). É uma coisa estranha a se pretender, dado que ele sabe que eles estão com problemas (v.48a). A frase, dado o contexto do Êxodo, estabelecido nos vs.30-44, deve se referir a Êxodo 33.17 – 34.9, onde Deus promete a Moisés que sua glória “passará por ele” (33.2; 34.6). Portanto, Jesus deve estar pretendendo revelar sua glória aos discípulos à medida que “passa por eles” em Marcos 6.48.

ii. *Jesus pretende acalmar o medo dos discípulos com suas palavras no v.50b: “Tenham bom ânimo; sou eu” ou “Tenham bom ânimo; eu sou”.* Jesus, novamente dado o contexto, provavelmente está aludindo ao nome que Deus se dá em Êxodo 3.14, o nome que garante que ele agirá para salvar o seu povo.

iii. *Os discípulos estão impressionados no v.51 e a razão que Marcos menciona no v.52 também é significativa: “Eles não haviam compreendido o milagre dos pães; antes, os seus corações estavam endurecidos”.* Os pães foram projetados para ensinar-lhes que Jesus é Deus que veio salvar seu povo, mas eles não entenderam. Como o antigo Israel no deserto, seus corações se endureceram (cf. Ex 34.9).

O ponto de Marcos é claro: Jesus é o Deus do AT que veio para salvar o seu povo. Mas mesmo os representantes do novo Israel não entendem. Seus corações estão endurecidos. Eles têm um grande problema que Jesus explicará no capítulo 7. Por enquanto, basta ver que ele terá que fazer algo extraordinário para lidar com a falta de entendimento deles.

Os vs.53-56 resumem e formam uma ponte para levar Jesus de volta à uma região povoada, estando pronto para seu encontro com os fariseus no capítulo 7.

PENSANDO NISSO

Como isso amplia nossa visão de Jesus?

Como isso afeta minha visão com respeito a mim mesmo e a minha necessidade de Jesus me salvar?

MARCOS 7.1-30

ALVO

- *Ver que o problema universal da humanidade é um coração pecaminoso, mas que Cristo traz um resgate universal.*

CONTEXTO

Marcos nos apresentou a Jesus como o rei de Deus que possui autoridade, cuja prioridade é buscar os pecadores enquanto ele prega a mensagem do reino (Cap. 1 – 3). Jesus enfrenta a oposição de Satanás e dos fariseus (1.12-13; 3.6), que aponta para a rejeição de sua mensagem.

A parábola do semeador no capítulo 4 é uma história fundamental. Estabelece a necessidade de ouvir e entender as palavras de Jesus. Existem dois grupos de pessoas: aqueles que estão dentro e aqueles que estão do lado de fora. O capítulo 5 nos apresenta vários grupos de pessoas que aceitam as palavras de Jesus com fé e, em seguida, a primeira parte do capítulo 6 nos mostra as consequências de rejeitar as palavras de Jesus.

A última parte do capítulo 6 (vs.31-56) apresenta Jesus como aquele que cumpriu o AT e promete liderar seu povo em um segundo êxodo. Ele é o próprio Deus que veio salvar o seu povo.

Ao longo dos capítulos 4 – 6 corre um tema de entendimento e mal entendimento, que está ligado à presença de ausência de fé (4.12-13, 40; 5.34, 36; 6.52). Os fariseus não entendem e rejeitam Jesus com hostilidade; os discípulos não entendem, mas ainda assim se apegam a Jesus (6.22ss). A nova seção em que estamos prestes a entrar explica o motivo da falta de entendimento e nos prepara para o grande trabalho que Jesus terá que fazer para mudar nossa situação.

ESTRUTURA

7.1-13 – O confronto com os fariseus.

7.14-16 – A exortação à multidão.

7.17-23 – A explicação para os discípulos.

7.24-30 – A demonstração para mulher gentia.

1. O CONFRONTO COM OS FARISEUS (7.1-13).

Sabemos que a atitude dos fariseus e escribas deve ser negativa em relação a Jesus (cf. 3.6). O problema deles com Jesus é o fracasso de seus discípulos em seguir as tradições dos anciãos (v.5), conforme ilustrado pelo fracasso em lavar as mãos depois de estarem no mercado. Não se tratava

de higiene pessoal, mas de pureza ritual, portanto, a linguagem da “contaminação” (v.2, 5, 15, 18, 20, 23). Marcos explica a prática dos fariseus para nós nos vs.3-4 – “as tradições dos anciãos” não faziam parte da lei do AT, mas foram adicionadas a uma lista de requisitos ritualísticos ao longo do tempo.

Jesus deixa claro o coração de sua disputa com os fariseus nos vs.6-8. Eles estão mais preocupados com as mãos do que com o coração (v.6). Seus corações estão longe de Deus, pois reverenciam os mandamentos dos homens, mas rejeitam os mandamentos de Deus (vs.7-8).

Jesus dá uma ilustração clara de como eles fazem isso nos vs.9-13. Eles são culpados de ignorar o mandamento de Deus de honrar seus pais, escondendo-se atrás da tradição humana de bens de Corbã dedicados a Deus, que se tornavam não mais disponíveis para o cuidado dos pais. Corbã era uma tradição dos anciãos que anulava o mandamento de Deus (v.13). Jesus deixa claro que este é apenas um dos muitos abusos (v.13b).

A citação de Isaías 29.13 nos vs.6-7 é uma crítica para os próximos dois capítulos. O versículo que segue Isaías 29.13 deixa claro que Deus usará o apego de seu povo às tradições dos homens para fazer algo novo. Especificamente, será um tempo em que os gentios (Isaías 29.17; Líbano) terão seus ouvidos surdos abertos e olhos cegos tornando a ver (Isaías 29.18-19). Os pobres entre a humanidade (não apenas Israel) exultarão em Deus (Isaías 29.19) e os cruéis darão em nada (Isaías 29.20). Vemos essa profecia sendo elaborada no restante de Marcos 7 – 8.

2. A EXORTAÇÃO À MULTIDÃO (7.14-16).

Jesus desvia a atenção dos fariseus para a multidão e fala com eles através de uma parábola (cf. v.17) antes de se dirigir a seus discípulos em particular. Ele está seguindo o padrão estabelecido em 4.33-34.

Ele exorta a multidão a ouvi-lo e a entender (v.14), novamente nos levando de volta aos principais temas da parábola do semeador.

A parábola é simples, mas vira de cabeça para baixo os ensinamentos dos fariseus. Os fariseus viam seu problema básico como “de fora para dentro”: contato “externo” com itens “contaminados” os contaminaria. Jesus diz enigmaticamente: “Na verdade, seu problema é de dentro para fora”. Nesse ponto, Jesus não dá nenhuma explicação. Ele espera até estar sozinho com seus discípulos.

3. A EXPLICAÇÃO PARA OS DISCÍPULOS (7.17-23).

Novamente, os discípulos parecem não entender (vs.17-18a) que há um grande problema com o entendimento. Então, Jesus explica sua parábola. Nada do que entra no homem pode contaminá-lo porque não entra em seu coração, mas entra no sistema digestivo e depois é expulso pelos processos naturais do corpo (vs.18b-19). A explicação incidental no v.19b funciona em Marcos como

uma demonstração da autoridade de Jesus: Ele também é o "Senhor das Leis da Alimentação" (cf. 2.28).

Em contraste, Jesus diz que é o que sai de uma pessoa que o torna imundo (v.20). O catálogo de pecados nos vs.21-22 não é o produto de influências externas, e sim do coração humano (v.21a).

A ênfase dos fariseus na tradição dos anciãos efetivamente obscureceu essa realidade. O coração deles está longe de Deus (v.6b), recusando-se a ver que esse é o problema.

Jesus indica aos seus discípulos que o problema deles é muito maior do que eles jamais pensaram. Além disso, isso parece ser um problema universal. Os gentios sempre foram vistos como tendo problemas desde que foram contaminados por definição, mas agora Jesus diz que os judeus também estão no mesmo barco. Todos sofrem de um coração pecador e precisam ser resgatados.

4. A DEMONSTRAÇÃO PARA MULHER GENTIA (7.24-30).

Esse incidente pode ser incluído nos vs.1-23 ou no seguinte. Jesus se move para o território gentio no v.24, onde a ação continua até 8.22. Este é um argumento para dizer que o incidente pertence ao que segue.

Contudo, o incidente da mulher gentia nos mostra que a compreensão é possível e que Jesus veio resgatar todo tipo de pessoa, apesar do problema universal de um coração pecador.

Marcos enfatiza as credenciais gentias da mulher (v.26). A resposta que Jesus dá a ela enfatiza a prioridade da missão para os judeus. A referência a "cachorro" não é necessariamente pejorativa, é apenas uma figura de linguagem indicando prioridade: os cães não recebem comida antes das crianças, somente depois. A resposta da mulher no v.28 demonstra o entendimento de que Jesus é para todos, não apenas para Israel.

Portanto, seu pedido é atendido e sua filha é liberta.

Há esperança para toda a humanidade no encontro dessa mulher com Jesus.

PENSANDO NISSO

O que aprendemos sobre Jesus nesta seção? Como devemos responder?

O que aprendemos sobre nós mesmos?

Quais são as tradições dos líderes que rejeitam os mandamentos de Deus?

Como vemos o pecado senão como um problema de nossos corações?

MARCOS 7.24 – 8.30

ALVO

- *Ver Jesus como o salvador de judeus e gentios de um coração pecador.*
- *Ver a necessidade de uma compreensão milagrosa, a fim de compreender a identidade de Jesus.*

CONTEXTO

A parábola do semeador no capítulo 4 introduziu a necessidade de entender a identidade e o ensino de Jesus (4.11-13). Jesus deixou claro que um ouvir cuidadoso resultaria em mais revelações, mas a rejeição deliberada resultaria em julgamento (4.24-25).

Os fariseus rejeitaram deliberadamente a mensagem de Jesus (3.6) e no capítulo 7.1-23 Jesus indicou que o problema deles é um coração pecador. Mas, a maneira como ele descreve o problema deles torna óbvio que este é um problema humano universal (7.21-23). Os discípulos ainda parecem ter problemas para entender a mensagem de Jesus (7.18). Portanto, ficamos fazendo as perguntas: “É possível que o coração pecador seja mudado? Como isso vai acontecer? O que é preciso para alguém entender quem é Jesus?” O capítulo 7.24 – 8.30 começa a nos dar uma resposta.

A citação de Isaías 29 em 7.6-7 se torna crucial. Olha ansiosamente para um tempo em que Deus humilhará o suposto sábio (Is 29.14), abençoará os gentios (Is 29.17) e trará audição aos surdos e visão aos cegos (Is 29.18). Os mansos e pobres da humanidade se regozijarão no Deus de Israel (Is 29.19) e aqueles que se opõem a Deus serão silenciados (Is 29.20). Todas essas coisas ocorrem em Marcos 7.24 – 8.30.

ESTRUTURA

A. 7.24-30 – Entendimento gentio.

B. 7.31-37 – Jesus cura um surdo gentio.

C. 8.1-10 – Jesus dá pão aos gentios.

D. 8.11-13 – A rejeição dos fariseus.

C’. 8.14-21 – Os discípulos não entendem o pão.

B’. 8.22-26 – Jesus cura um cego judeu.

A’. 8.27-30 – Entendimento judeu.

A. ENTENDIMENTO GENTIO (7.24-30)

Os marcadores geográficos se tornam significativos em toda esta seção. Jesus se muda para o território gentio no v.24 e permanece lá até 8.10 (embora não tenhamos certeza de onde Dalmanuta está, pois não há outra ocorrência do nome desse lugar a não ser aqui, mas o encontro com os fariseus no v.11 sugere que Jesus está de volta ao território judeu). Marcos quer acompanhar as necessidades e respostas dos gentios e judeus.

Marcos faz questão no fato de que a mulher é gentia (v.26). Jesus fala com ela em uma parábola (v.27), que não deve ser lida como uma depreciação dos gentios (a palavra para “cachorro” é uma palavra respeitável). Em vez disso, ele está enfatizando a prioridade bíblica da nação judaica através de um incidente do cotidiano.

O mais notável do encontro é que a mulher entende a parábola (v.28: “sim, Senhor”) e é por causa de sua afirmação que Jesus cura a sua filha (vs.29-30). O entendimento da mulher gentia indica que ela está dentro do reino (cf. 4.11). Há esperança para os gentios com corações pecaminosos.

B. JESUS CURA UM SURDO GENTIO (7.31-37)

O incidente com o homem surdo e gentio confirma a conclusão alcançada através do incidente com a mulher siro-fenícia. É necessária a intervenção milagrosa de Jesus para que as pessoas entendam sua identidade. O tempo profetizado por Isaías chegou em Cristo.

Observe que Jesus novamente tenta silenciar a multidão (v.36). Ele faz isso novamente em 8.26 e 8.30. Assumimos que isso ocorre porque a sua autorrevelação não está completa e, portanto, proclamá-lo como Rei neste momento complicaria sua missão. Veja em 8.27-30 para mais informações sobre esse assunto.

C. JESUS DÁ PÃO AOS GENTIOS (8.1-10)

Devemos ler este incidente no contexto de 6.30-44 (ver notas nessa seção). Aprendemos que Jesus estava se revelando como aquele que veio para pastorear e resgatar Israel em um novo êxodo. Portanto, 8.1-10 nos diz surpreendentemente que os gentios também devem ser incluídos neste novo êxodo.

Observe a compaixão de Jesus pela multidão (v.23 cf. 1.41; 6.34). Observe também que o incidente é claramente diferente do incidente no capítulo 6 – Marcos não ficou confuso. Existem 7 pães, quatro mil pessoas e 7 cestos.

D. A REJEIÇÃO DOS FARISEUS (8.14-21)

Esses versículos estão cheios de ironia. Jesus realizou numerosos sinais até agora, incluindo a ressurreição dos mortos e a alimentação das 4000/5000 pessoas. No entanto, os fariseus entram

em um clima de argumentação para pedir um sinal (v.11). Jesus está claramente angustiado (v.12a) e afirma que essa geração (isto é, os fariseus) não receberá um sinal. Eles são deliberadamente sem entendimento e agora são julgados por isso (cf. 4.12, 25). O fato de esse breve encontro estar entre a compreensão e a libertação dos gentios e dos judeus torna tudo ainda mais assustador. Os fariseus rejeitam Jesus, para que Jesus rejeite os fariseus.

C'. OS DISCÍPULOS NÃO ENTENDEM O PÃO (8.14-21)

Os discípulos, por sua vez, não parecem ser intencionalmente compreensivos. Eles são lentos para entender, mas não são hostis a Jesus. Os fariseus rejeitam Jesus, enquanto os discípulos o seguem. No entanto, eles também têm corações pecaminosos e não entendem.

Jesus os adverte sobre o fermento dos fariseus e de Herodes no v.15. Assumimos que isso se refere àqueles que ouvem e ainda rejeitam a mensagem (cf. 8.11-13; 6.14-29 – ver notas). Mas, os discípulos não entendem, porque eles estão mais preocupados com a próxima refeição (8.16). Jesus os acusa de falta de percepção e entendimento, de coração duro (v.17 cf. 6.52), de cegueira espiritual e surdez (v.18 cf. 7.31-37), e depois os leva de volta às refeições milagrosas (paralelamente 8.1-10) e faz a pergunta sobre as sobras. Ambos os números atingem o pico de conclusão (completude): 12 para todo o Israel e 7 um número de perfeição. Jesus parece querer que os discípulos entendam que ele é Deus que veio resgatar o mundo inteiro. Mas, no v.21, eles não entendem. O que é preciso para que eles consigam entender?

B'. JESUS CURA UM CEGO JUDEU (8.22-26)

Este incidente nos diz o que é necessário: Jesus precisa abrir os olhos dos cegos. Novamente, o incidente é paralelo a 7.31-37, onde Jesus indica que o entendimento dos gentios (7.24-30) ocorre apenas através de intervenção milagrosa.

Por que Jesus arrasta a cura e não cura o cego instantaneamente com uma palavra? Parece ser uma parábola encenada. A revelação é gradual e a compreensão será gradual. Veremos como isso funciona na seção final.

A'. ENTENDIMENTO JUDEU (8.27-30)

Jesus faz a pergunta que Marcos tem feito por todo o evangelho até agora (v.27). As multidões ainda não entendem (v.28), mas Pedro finalmente responde corretamente. Ele entende. Jesus milagrosamente abriu os seus olhos. A pergunta do evangelho de Marcos (Quem é Jesus?) alcançou seu primeiro clímax.

Mas, Jesus encarrega Pedro de não contar a ninguém (v.30). Por quê? Jesus ainda não revelou como ele finalmente realizará sua obra como o Cristo. Ele não mostrou como ele vai lidar com o problema de um coração pecador. Pedro vê apenas “homens que parecem árvores andando” (cf. 8.24). Portanto, ele ainda não entende todas as implicações da obra de Jesus como o Cristo em 8.32. Se Pedro tivesse proclamado Jesus como o Cristo neste ponto, teria sido o Cristo errado.

PENSANDO NISSO

O que esta seção nos diz sobre Jesus?

O que isso nos diz sobre nós mesmos?

Como isso afeta a maneira como oramos? E a maneira como fazemos o evangelismo?

MARCOS 8.31 – 9.1

ALVO

- *Ver que a cruz molda a vida de Jesus e de seus seguidores.*

CONTEXTO

Entramos na segunda metade do evangelho de Marcos em 8.31. A primeira metade foi concluída em 8.29 com a confissão de Pedro de Jesus como o Cristo. A segunda parte do Evangelho se ocupará de Jesus como o Filho de Deus, culminando com a confissão do centurião em 15.39. Ambas as confissões ecoam o versículo de abertura do evangelho, onde Jesus é declarado ser o Cristo e o Filho de Deus.

No entanto, o tema dominante da segunda metade do evangelho é a iminente morte e ressurreição de Jesus. Até agora, Jesus tem se preocupado em estabelecer seu reinado em seu mundo através de suas palavras e ações. Ele não mencionou como ele finalmente lidará com o coração humano pecador ou como ele finalmente derrotará Satanás. Todos os seus milagres nessas áreas antecipam uma vitória e libertação final.

Marcos 8.31 – 9.1 serve para introduzir a morte, ressurreição e o governo final de Jesus como um grande tema. Ele também introduz o tipo de vida a que os seguidores de Jesus são chamados como consequência da obra de Jesus.

ESTRUTURA

8.31-33 – A necessidade do caminho da cruz para Jesus.

8.34-38 – A necessidade do caminho da cruz para nós.

9.1 – Depois da cruz, Glória!

1. A NECESSIDADE DO CAMINHO DA CRUZ PARA JESUS (8.31-33)

O versículo 31 é uma bomba. Nada nas palavras de Jesus até agora preparou os discípulos para esta previsão. Marcos nos disse que os fariseus pretendem destruir Jesus (3.6), mas Jesus não indicou que isso é inevitável. A previsão é notável por vários motivos:

- *Jesus chama a si mesmo de Filho do Homem:* uma figura gloriosa e vitoriosa em Daniel 7. Sugerir que essa figura deva morrer é surpreendente.
- *Jesus antecipa a ressurreição.* Portanto, sua previsão é baseada no conhecimento do futuro e não apenas na suposição de que os fariseus o destruirão.
- *Jesus aponta para os líderes do antigo Israel como aqueles que irão matá-lo.*

Marcos nos diz que Jesus “disse isso claramente” (v.32). Ele não está falando em parábolas (cf. 4.11) e, no entanto, Pedro não entende. Pedro quer que Jesus seja um Cristo glorioso e vitorioso, a cruz não se encaixa em sua visão de quem Jesus deveria ser.

Jesus enfatiza a necessidade da cruz no v.33: tentar contornar a cruz é seguir o caminho de Satanás, é colocar a mente nas coisas do homem. Por outro lado, fixar a mente nas coisas de Deus é ver a necessidade da cruz para Jesus. Sem cruz, sem glória. Sem morte, sem ressurreição. Pedro fala como Satanás quando diz a Jesus que a cruz não é necessária.

A seção indica que Jesus não dá uma revelação final de si mesmo nos capítulos 1 – 8. Isso explica por que ele repetidamente diz às pessoas para não falarem sobre o que ele fez nesses capítulos. Eles devem entender que ele é o Cristo que deve morrer e ressuscitar, caso contrário eles terão uma visão errada de sua tarefa.

2. A NECESSIDADE DO CAMINHO DA CRUZ PARA NÓS (8.34-38)

Jesus continua dizendo à multidão e aos discípulos as implicações de sua morte na maneira como eles o seguem. O discipulado cristão é moldado pela cruz, significa tomar nossa cruz e seguir Jesus.

É importante fazer uma pausa e absorver como os ouvintes originais teriam entendido Jesus. Ele acabou de falar sobre sua morte física. Seguir isso como uma referência a tomar a cruz de alguém seria entendido como um convite para vir e morrer com ele. Tome cuidado para não se apressar muito rapidamente nas aplicações espirituais. A cruz neste momento significava apenas uma coisa para os ouvintes de Jesus: morte. Seguir Jesus significa desistir de tudo, incluindo sua vida física. Qualquer sacrifício, inclusive o martírio físico, é esperado se você seguir a Jesus.

Jesus continua nos versículos 35-37 para explicar a equação espiritual envolvida nesse chamado radical. No versículo 35, salvar a própria vida (ou seja, fixar sua mente nas coisas do homem e evitar a cruz) significará que você a perderá (por exemplo, você não participará da ressurreição da vida que segue a cruz, cf. v.31). Em contraste, perder sua vida por causa de Jesus e do evangelho (ou seja, fixar sua mente nas coisas de Deus e seguir o caminho da cruz) significa que, em última análise, a sua vida será salva (ou seja, experimentará a ressurreição à vida que segue a cruz).

Os versículos 36-37 pressionam essa lógica espiritual com duas perguntas retóricas: “que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?” Nada. O que um homem pode dar em troca de sua vida? Nada.

O versículo 38 é um aviso sóbrio. Ter vergonha de Jesus e de suas palavras agora (ou seja, ignorar o caminho da cruz em favor das coisas do homem), resultará no Filho do Homem ter vergonha de você quando ele voltar. O discipulado cristão é moldado pela cruz.

O versículo 38 também enfatiza o ponto de que o Filho do Homem aparecerá como Daniel 7, antecipa que ele virá em glória. O caminho da cruz não é o fim para ele ou para seus seguidores. Por implicação, Jesus está dizendo que não ter vergonha dele e de suas palavras resultará em glória

eterna para seus seguidores. Se eles tiverem vergonha por causa dele agora, não compartilharão de sua glória no futuro.

3. DEPOIS DA CRUZ, GLÓRIA! (9.1)

Você pode imaginar que os discípulos podem ficar confusos e incertos por causa das palavras de Jesus. No momento em que Pedro entende que Jesus é o Cristo e começa a pensar no glorioso reinado de Cristo descrito no AT, o próprio Jesus diz a ele que a morte deve vir primeiro. Como eles podem ter certeza de que Jesus aparecerá em glória e reinará poderosamente no reino de Deus?

Jesus os tranquiliza com a promessa de 9.1 e a segue com a experiência de 9.28. A que Jesus se refere em 9.1? Existem várias opções.

- a. A ressurreição.
- b. A ascensão.
- c. O Pentecoste.
- d. A segunda vinda.

Todos têm algo para dizer, embora a última opção pareça ser a menos provável. Evidentemente, todo mundo que ouviu Jesus morreu muito antes de sua segunda vinda. Alguns interpretaram isso como significando que Jesus estava enganado. Eles esperavam que o reino final chegasse muito rapidamente e isso não aconteceu. No entanto, a promessa deve ser lida dentro do contexto. A transfiguração ocorre imediatamente após as palavras de Jesus e provavelmente cumpre suas palavras. Veja como, no próximo conjunto de notas.

O ponto principal da seção é tranquilizar os discípulos confusos de que após a cruz haverá glória eterna para Jesus e seus seguidores.

PENSANDO NISSO

O que esta seção nos ensina sobre Jesus? E Sobre nós?

De que maneira evitamos a cruz em nossas vidas? De que maneira buscamos a glória antes da cruz?

MARCOS 9.2-29

ALVO

- *Ver que a glória para Jesus e o cristão só vem depois do sofrimento.*

CONTEXTO

Jesus respondeu à confissão de Pedro em 8.29, enfatizando a necessidade do caminho da cruz para ele e seus seguidores. O cristão deve se concentrar nas coisas de Deus, não nas coisas do homem.

No entanto, Pedro parece falhar em entender a necessidade da cruz. Jesus interpreta sua oposição como o caminho de Satanás (8.33). A cruz é central naquilo que Jesus veio fazer e é central para todos os seus seguidores.

No entanto, Jesus se descreve como o Filho do Homem (8.31, 38): uma figura divina, gloriosa, vitoriosa e introduzida em Daniel 7. Portanto, ele dá aos seus ouvintes a garantia de que aparecerá na glória como o Filho do Homem após sua humilhação nas mãos dos líderes de Israel (8.38 – 9.1). A cura do endemoninhado surdo/mudo, aponta para o tipo de estilo de vida exigido aos seguidores de Jesus.

ESTRUTURA

9.1-8 – Antecipação da glória final do Reino.

9.9-13 – Reafirmação da necessidade da cruz.

9.14-29 – Chamado ao discipulado dependente.

1. ANTECIPAÇÃO DA GLÓRIA FINAL DO REINO (9.1-8).

Nesta seção, somos apresentados aos que não provarão a morte até que vejam o reino de Deus vindo em poder.

O incidente tem fortes conotações do AT, o que lhe confere um significado adicional. Existem alusões particularmente fortes a Êxodo 24:

- **(v.2)** Seis dias de espera seguidos pela revelação de Deus no dia 7 (Êx 24.16).
- **(v.2)** Um alto monte para encontrar Deus (Êx 24.15).
- **(vs.3, 7)** Uma revelação da glória de Deus nas nuvens (Êx 24.17).
- **(v.7)** Deus fala da nuvem (Êx 24.16).

Se Êxodo marca um ponto alto na revelação de Deus ao seu povo no AT, então esse incidente indica uma marca ainda mais alta. A glória de Deus é vista em Jesus como evidenciada pela transformação

de suas roupas (v.3). O aparecimento de Elias e Moisés (v.4), os dois grandes profetas e agentes de revelação no AT, significa o status de Jesus como profeta de Deus. A voz da nuvem ecoa a afirmação de 1.11, mas em contraste, aqui a voz se dirige a Pedro, Tiago e João, não a Jesus. Eles são instruídos a ouvir Jesus. Sua singularidade e supremacia são enfatizadas pelo fato de que eles são deixados sozinhos com ele no v.8: Elias e Moisés não existem mais (“ouçam a Jesus”).

A ênfase em ouvir Jesus significa que Ele deve interpretar sua missão messiânica para eles. Não basta confessar Jesus como Cristo, eles também devem ouvir suas palavras sobre sua morte e ressurreição. O ministério apostólico final dos discípulos dependerá disso.

O incidente mostra que Jesus um dia será glorificado: ele ressuscitará dos mortos (8.31b) e julgará toda a Terra na glória (8.38), mas ainda não. Os discípulos veem o suficiente para que Jesus possa lhes dizer que isso acontecerá. As palavras de Jesus devem ser determinantes, mostrando-lhes como e quando isso acontecerá (9.7b). Eles testemunharão sua ressurreição e ascensão e, em todas essas coisas, terão certeza de que o glorioso reino de Deus chegará um dia em toda a sua plenitude.

2. REAFIRMAÇÃO DA NECESSIDADE DA CRUZ (9.9-13).

Jesus ordena aos três que não digam a ninguém o que viram até depois da ressurreição (v.9a). Novamente assumimos que isso ocorre porque ele não quer que as pessoas coloquem a glória antes do sofrimento. Curiosamente, os discípulos ainda não entendem a ressurreição, mas se contentam em obedecer a Jesus (v.9b).

A questão do v.11 sai naturalmente da cena que eles acabaram de testemunhar. Se Jesus será o único a anunciar o grande e glorioso dia do Senhor, o que dizer da promessa do AT de que Elias virá primeiro para preparar o caminho (cf. Malaquias 4.5-6)?

Jesus afirma que a promessa de Malaquias foi cumprida: Elias veio para restaurar todas as coisas (cf. Ml 4.6; Marcos 1.45), mas no v.13 Elias foi maltratado. Assumimos que esta é uma referência ao ministério de João Batista (cf. 6.14-28). Da mesma maneira que “Elias/João” sofreu, também o Filho do Homem sofrerá (v.12). Mais uma vez, Jesus parece estar reafirmando a precedência do sofrimento sobre a glória. O último dia do Senhor virá somente depois que o Filho do Homem sofrer.

NOTA: onde está “escrito” que o novo Elias sofrerá (v.13)? Nenhuma das profecias do AT contém uma referência ao seu sofrimento. Portanto, assumimos que isso se refere ao sofrimento histórico do Elias original nas mãos de um rei iníquo e de sua esposa. Jesus vê isso como antecipando os sofrimentos de “Elias/João” nas mãos de outro rei iníquo e sua esposa (6.14-28).

3. CHAMADO AO DISCIPULADO DEPENDENTE (9.14-29).

Esse milagre de cura obviamente tem um significado considerável, dada a quantidade de espaço que Marcos dedica a ele imediatamente após a transfiguração. Qual é o seu propósito aqui?

Marcos contrasta a falta de fé dos discípulos que foram incapazes de exorcizar o menino (vs.18-19) com a crescente fé do pai do menino (v.24). Os discípulos exemplificam uma “geração sem fé” (v.19), enquanto o homem exemplifica uma simples dependência de Jesus.

Jesus enfatiza a necessidade de depender totalmente dele no v.23, “todas as coisas são possíveis para quem acredita [em mim]” e no v.29, “Esse tipo não pode ser expulso por nada além de oração”. O pai do menino depende de Jesus em simples oração (v.24), enquanto a implicação do v.29 é que os discípulos não têm feito isso.

Esse tema parece nos levar de volta a 8.34-37. O estilo de vida que Jesus exige de seus seguidores é uma abnegação radical. O caminho da cruz, o caminho da autonegação é expresso na dependência de Jesus em oração. Antes da glória chegar, o sofrimento.

PENSANDO NISSO

O que essa passagem nos diz sobre Jesus? E sobre nós?

Como ouvimos as palavras de Jesus agora? Como expressamos a abnegação através da oração?

Faz parte da aplicação desta seção, “Leia sua Bíblia e ore todos os dias”?

MARCOS 9.30-50

ALVO

- *Ver que o caminho da cruz é ser o último de todos e servo de todos.*

CONTEXTO

Jesus começou uma nova seção de ensino em 8.31. Ele introduziu seus discípulos à ideia de que ele terá que sofrer, morrer e depois ressuscitar. Esse padrão de sofrimento e glória também será o padrão de seu discipulado. Eles são convidados a tomar sua cruz, negar a si mesmos e segui-lo (8.34).

A transfiguração garantiu a eles que Jesus um dia virá em glória. O interlúdio sobre Elias mais uma vez enfatiza que isso acontecerá somente depois que ele sofrer (9.11-13). A parte dos discípulos é viver uma vida de oração e de fé dependente em Jesus (9.23, 29).

No entanto, os discípulos demoram a entender, pois ainda imaginam que Jesus é apenas uma questão de glória. Eles não conseguem entender a necessidade de sofrer. Portanto, Pedro repreende Jesus (8.32), eles não entendem a ressurreição dos mortos (9.10) e são incapazes de expulsar o demônio (9.18), pois não dependem de Jesus. Eles ainda estão agindo como se fossem parte de uma “geração sem fé” (9.19). Jesus, ao curar o menino surdo-mudo, ilustra mais uma vez o poderoso trabalho que ele terá que fazer na cruz para mudar a situação deles.

Nesta próxima seção, Jesus continua corrigindo o mal-entendido de sua obra (9.32) e da natureza do discipulado (9.33-34, 38). Mais uma vez, a ênfase está na diferença que a cruz faz na maneira como o discípulo de Jesus vive sua vida em relação aos outros (9.35-37, 42, 50).

ESTRUTURA

9.30-37 – Seja o último e servo de todos.

9.38-50 – Esteja em paz uns com os outros.

1. SEJA O ÚLTIMO E SERVO DE TODOS (9.30-37).

Jesus novamente prediz sua morte e ressurreição (v.31), mas os discípulos não entendem do que ele está falando (v.32). Essa falta de entendimento se torna evidente nos vs.33-34, onde Jesus os pega jogando um jogo de poder sobre quem é o maior. Eles ainda não entendem o que significa tomar a cruz e seguir Jesus.

[A propósito, Jesus sabe o que os discípulos estão falando sobre o evento, embora não lhe digam. Seu ensino aborda o problema deles. Este é o Rei onisciente de Deus].

No versículo 35, Jesus realiza um seminário formal de ensino rabínico. Ele se senta (a postura clássica do rabino) e chama os doze para ele (novamente, a prática rabínica padrão). Essa formalidade indica que o ensino que ele está prestes a dar é extremamente significativo. Também intensifica o drama que ele está prestes a encenar.

Jesus ensina a eles que o caminho da cruz não é discutir sobre quem é o maior, isto é ser o primeiro. Antes, o caminho da cruz é “ser o último de todos e servo de todos”. Agora isso se tornará o motivo dominante do ensino sobre discipulado até que seja repetido em 10.31 e, em seguida, culminará quando Jesus o aplicar ao discipulado e ao trabalho na cruz em 10.43-45.

As discussões sobre quem é o melhor estão completamente fora de ordem ao seguir Jesus. A postura oposta é necessária: Eu sou o último e servo de todos (Jesus disse).

Jesus dramatiza esse ponto de uma maneira chocante no v.36. As crianças não tinham status social na Palestina do primeiro século. Elas estavam no fim da escada social. Eles certamente não tinham lugar em um seminário rabínico formal. No entanto, Jesus escolhe abraçar uma criança no meio de seus ensinamentos. Ele quer que seus discípulos saibam que esse é o tipo de humilhação necessária para seguir o caminho da cruz. Os verdadeiros seguidores estarão preparados para servir os que são “o ninguém” deste mundo, uma vez que não se preocupam com seu próprio status.

A interpretação que Jesus dá no v.37 é igualmente chocante. Viver a vida dessa maneira (isto é, a maneira de estar preparado para servir até mesmo crianças em nome de Jesus) é receber o próprio Jesus, e receber Jesus é receber o Pai. Ser o último e servo de todos é receber o próprio Deus. A autonegação radical do caminho da cruz é o caminho de entrada no reino.

2. ESTEJA EM PAZ UNS COM OS OUTROS (9.38-50)

Esta seção começa com os discípulos errando novamente. A conexão com a seção anterior é que Jesus os ensinou sobre quem eles deveriam receber no v.37 e agora João levanta uma pergunta no v.38 sobre um homem que eles deixaram de receber.

O foco da reclamação de João é significativo. Eles tentaram impedir o homem de exorcizar em nome de Jesus: “porque ele não estava nos seguindo” (v.38). João está novamente preocupado demais com hierarquias e ordens hierárquicas. Jesus fala em apoio ao homem e em oposição às ações dos discípulos (v.39). O fato de o homem ser capaz de realizar grandes obras em nome de Jesus sugere que ele não falará mal de Jesus (v.39). Portanto, ele não deve ser parado, pois suas palavras e ações revelam ser a favor de Jesus, e não contra ele (v.40).

No contexto mais amplo, os discípulos foram incapazes de realizar exorcismos em 9.18 e Jesus diz que é porque eles falham em depender dele em oração (9.29). Portanto, a suposição deve ser que esse homem depende de Jesus em oração para realizar exorcismos em seu nome. Portanto, ele deve ser recebido. O versículo 41 reforça o ensinamento do v.37, que receber e cuidar dos discípulos de Jesus é receber a Jesus e, assim, demonstrar a garantia da recompensa eterna.

Os discípulos correm o risco de rejeitar os pequenos (como o exorcista), pois se recusam a se tornar servos de todos (pequenos). Seu desejo por status os levou a tentar impedir o homem de fazer a obra de Cristo e, portanto, eles pecaram. Jesus então emite o aviso severo dos vs.42-50. Recusar-se a receber os “pequeninos” é recusar a Cristo e, portanto, é colocar-se em perigo do inferno. Jesus descreve os horrores do inferno na linguagem gráfica (vs.43-48, cf. nossa descrição abstrata e anêmica do inferno como "separação de Deus"). Jesus diz para que façamos o que for necessário para impedir que os pequeninos tropecem. No contexto, isso deve significar a morte do orgulho, que se recusa a reconhecer outros cristãos e, portanto, se recusa a reconhecer a Cristo.

[Às vezes, essa passagem é usada para apoiar estratégias para evitar filmes ou programas de TV "inúteis" ou para evitar lugares "inúteis" etc. Esse parece não ser o foco principal. Diminuímos seu ataque contundente ao nosso orgulho se nos reduzirmos apenas a essas categorias].

Jesus conclui suas advertências sobre a prevenção do inferno no v.49 com um lembrete de que “tudo será salgado com fogo”. É um lembrete de que haverá um julgamento final em que o sal é visto como um agente de limpeza. O versículo 50 é um incentivo para antecipar o julgamento final. Rejeitar orgulhosamente um irmão verdadeiro é viver um “estilo de vida impuro”, é falta de sal. Portanto, Jesus incentiva seus discípulos no v.50b a “ter sal em si mesmos e estar em paz uns com os outros”. Ter sal é rejeitar o orgulho que resulta em relacionamentos harmoniosos. Esses relacionamentos se contrastam com a rejeição orgulhosa do v.38. É isso que significa ser o último e servo de todos. É isso que significa negar a si mesmo e tomar nossa cruz para seguir Jesus.

PENSANDO NISSO

De que maneira tentamos "ser o primeiro", mas de um modo errado?

Quem excluímos, que na verdade, nós deveríamos incluir e por quê?

Como podemos levar as advertências de Jesus mais a sério?

Como podemos garantir que vivemos em paz uns com os outros?

MARCOS 10.1-31

ALVO

- *Ver que a dureza de coração torna impossível entrar no reino de Deus, a menos que Deus intervenha para torná-lo possível.*

CONTEXTO

Jesus continua a ensinar seus discípulos que ele deve morrer e ressuscitar (8.31; 9.31). Eles estão lutando para entender o que ele está falando (8.32; 9.11, 32), provavelmente porque possuem a visão de um messias, um rei triunfante, que não sofre. Jesus deve morrer por causa do estado desesperado da humanidade (9.17-18, 26-27).

Jesus também está enfatizando aos seus discípulos a necessidade de sua morte para moldar o discipulado: Se Jesus deve morrer, eles também devem morrer (8.34). Essa vida em forma de cruz é o caminho para a glória final (8.35-38; 9.35). Porém, os discípulos ainda estão querendo jogar jogos de poder e status (9.34, 38), provavelmente porque não entendem a obra de Cristo.

Nos foi dado um número de exemplos do tipo de discipulado que Jesus exige para entrar em seu reino. É uma total dependência em oração (8.29), uma humilhação que é preparada para servir a alguém por causa de Cristo e uma humilde e pacífica aceitação de outros crentes (9.35, 39, 50).

Jesus também alertou sobre as terríveis consequências de se recusar a seguir o caminho da cruz (8.38; 9.42-49). No capítulo 10, muitos desses temas são desenvolvidos ainda mais.

ESTRUTURA

10.1-12 – O perigo de um coração duro.

10.13-16 – A necessidade de um coração humilde.

10.17-31 – A necessidade de uma obra poderosa de Deus.

1. O PERIGO DE UM CORAÇÃO DURO (10.1-12).

Jesus continua a ensinar as multidões (v.1) lembrando-as (e nós) de sua prioridade em pregar (1.38) e da necessidade de ouvir a palavra de Deus através Dele (4.1-25; 9.7).

Os fariseus reaparecem em cena para “testar” Jesus (v.2). Sabemos que isso é uma armadilha por causa do desejo que os fariseus expressavam de matar Jesus (3.6). O incidente no contexto é projetado para nos ensinar um negativo. Jesus acabou de incentivar seus discípulos a ficar em paz uns com os outros e agora imediatamente encontramos os fariseus que se recusam a viver em paz

com Jesus e seus discípulos. Eles estão se recusando a “receber” Jesus (9.37) e, portanto, correm o risco de julgar 9.42ss.

A questão apresentada é o divórcio (v.2), mas a questão mais profunda é a dureza de coração que se recusa a ouvir ou obedecer a Deus (v.5). Neste momento, não é necessário que Jesus ou Marcos introduzam ensinamentos sobre divórcio, a menos que esteja em jogo um assunto mais amplo. Portanto, não se distraia demais com um debate sobre o divórcio, em vez disso veja a questão mais profunda em jogo.

[**DIVÓRCIO:** Jesus parece ter uma linha absolutista sobre o divórcio aqui, isto é, nenhum divórcio é permitido em nenhuma circunstância. No entanto, este não é o único lugar em que Jesus e a Bíblia se referem ao divórcio. Outros textos qualificam o absolutismo de Jesus, como em Mateus 5.32 onde Jesus claramente permite o divórcio em casos de imoralidade sexual. Em 1Co 7.15 Paulo permite o divórcio quando um incrédulo se separa de um crente. Há um argumento a ser afirmado que ambas as exceções (imoralidade e deserção sexual) são exemplos não exaustivos de comportamento que violam a aliança do casamento e, portanto, abrem a porta para o divórcio. A questão então é: “por que a forte proibição de divórcio em Marcos 10?”. Então, de volta à ação principal]

Os fariseus querem testar Jesus, mas a resposta que Jesus lhes dá expõe seus verdadeiros motivos. Parece que eles estão mais preocupados em fugir da palavra de Deus do que em mantê-la. Jesus deixa claro que Moisés fez provisão ao fracasso humano inevitável devido a um coração duro (v.5), mas o desejo de Deus desde o início era um casamento ao longo da vida. Ele quer que as pessoas casadas vivam em paz umas com as outras (9.50). Os fariseus parecem tratar isso como uma questão de debate. Jesus enfatiza a seriedade da questão de ouvir a Deus e obedecê-lo aos seus discípulos em 10.10-12. No contexto, me preocupar em como posso fugir à lei de Deus é recusar-me a viver em paz e recusar-me a ser servo de todos. É uma afirmação de direitos egoístas (cf. 9.34, 38).

2. A NECESSIDADE DE UM CORAÇÃO HUMILDE (10.13-16).

Jesus já usou a recepção de crianças como um exemplo do que significa ser servo de todos (9.36). As crianças não tinham status social na Palestina do primeiro século, portanto, um rabino que as recebesse indicava radical humilhação.

Esta leitura é confirmada no v.13, onde os discípulos repreendem aqueles que tentam levar seus filhos para serem abençoados por Jesus. Eles assumem que Jesus é grande demais para se humilhar dessa maneira e, portanto, mostram mais uma vez que não compreenderam o caminho do discipulado do reino.

Jesus convida as crianças a virem a ele ecoando o ensinamento de 9.37: ser humilde o suficiente para receber uma criança em nome de Cristo é receber o próprio Deus. Às vezes, o versículo 15 é lido como dizendo que devemos receber o reino da mesma maneira que uma criança o recebe. Essa leitura envolve a importação de alguma ideia sobre as crianças para o texto, como por exemplo, sua

humildade, inocência, impotência etc. O problema é que essas coisas raramente são universalmente verdadeiras para as crianças – essas são visões geralmente ocidentais burguesas de supostas virtudes das crianças que foram desenvolvidas nos últimos 150 anos. Jesus não chama a atenção para nada sobre as crianças. O foco está no seu ato de humilhação ao recebê-las. Portanto, o versículo deve ser lido: “Quem não receber o reino de Deus como alguém que recebe uma criança, não entrará nele”. O grego permite essa leitura e se encaixa melhor no contexto, pois a seção culmina com Jesus recebendo as crianças em seus braços e abençoando-as. A humildade radical é a chave do reino.

3. A NECESSIDADE DE UMA OBRA PODEROSA DE DEUS (10.17-31).

Nossa leitura do problema dos fariseus e a recepção das crianças são confirmadas no próximo incidente. O jovem, apesar de toda a sua bondade (v.20), se recusa a ouvir Jesus (v.22) e se afasta dele ao invés de segui-lo. Ele se apega à sua riqueza e não está preparado para negar a si mesmo e seguir o caminho da cruz. Ele ganha o mundo, mas perde a vida (8.36).

Jesus identifica a riqueza como um problema particular para aqueles que desejam entrar no reino de Deus. Jesus adverte constantemente sobre o perigo de uma grande riqueza se tornar facilmente um Deus (cf. Lucas 16.13). Os discípulos estão maravilhados (v.24), pois a prosperidade era vista como um sinal da bênção de Deus. Se o rico não pode entrar, quem pode? Jesus pressiona os discípulos em casa: não é apenas difícil, é impossível (v.25). A única maneira de alguém entrar no reino de Deus é através de um milagre divino (v.27). Os milagres de Jesus até agora nos prepararam para isso (por exemplo: 8.22-26) na esfera do entendimento, mas aqui ele parece estar falando sobre algo muito maior. Diz respeito à entrada no próprio reino. Estamos sendo preparados para a necessidade da cruz, onde Deus torna possível o impossível.

Pedro segue com uma afirmação de que eles fizeram a coisa certa (v.28). Eu não acho que precisamos necessariamente ler Pedro como sendo injusto. É uma declaração do fato, a esse ponto eles abandonaram a família e o trabalho para seguir Jesus que incentiva seus discípulos com a promessa de que segui-lo resultará em ganhar a vida nesta era e na era futura (cf. 4.25; 8.35). O versículo 31 resume o ensinamento – que muitos que são os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros. O homem rico é o primeiro e ainda será o último (já que ele se recusa a seguir o caminho da cruz e seguir a Jesus), os discípulos são os últimos e ainda serão os primeiros (já que seguiram o caminho da cruz e seguiram Jesus).

PENSANDO NISSO

Como tentamos evitar ouvir a Jesus?

Que coisas nos impedem de seguir a Jesus como deveríamos?

Como vemos a promessa de Jesus nos vs.29-30 se cumprindo agora?

MARCOS 10.32-52

ALVO

- *Ver que o caminho da cruz para Jesus, carregando a ira de Deus, será um resgate para muitos.*
- *Ver que o caminho da cruz para nós é nos tornarmos servos de todos que confiam em Jesus.*

CONTEXTO

Jesus deixou claro que ele deve morrer e ressuscitar (8.31; 9.31). No entanto, até agora ele não indicou o propósito de sua morte e ressurreição. A nova seção que estamos prestes a abordar começa a explicar o propósito de sua morte, particularmente no contexto do AT.

Jesus também deixou claro que o caminho do discipulado é moldado pela cruz (8.34). É uma maneira de humilde servidão (9.35; 10.15, 31). Recusar-se a seguir esse caminho é recusar-se a seguir Jesus e deixar de entrar no reino de Deus (8.38; 9.42ss; 10.15, 21-22). Contudo, seguir Jesus é conhecer grandes bênçãos nesta era e na era futura (8.35; 10.29-31). O sofrimento deve preceder a glória, mas há bênçãos mesmo na vida de sofrimento.

Em nossa próxima seção, Jesus continuará enfatizando e focando esses temas.

ESTRUTURA

10.32-34 – O Rei vitorioso morrerá em Jerusalém.

10.35-45 – O Rei vitorioso morrerá em benefício do seu povo.

10.46-52 – O Rei vitorioso deve ser crido.

1. O REI VITORIOSO IRÁ MORRER EM JERUSALÉM (10.32-34).

Jesus agora prediz sua morte e ressurreição pela terceira vez (cf. 8.31; 9.31). No entanto, isso não é mera repetição, existem adições significativas:

- i. Jesus nos diz que tudo isso acontecerá em Jerusalém (v.32, 33), o centro da vida cultural e religiosa judaica.
- ii. Jesus é retratado como liderando uma grande multidão até Jerusalém (v.32, v.46), que inclui o que anteriormente era cego (v.52). Marcos está querendo que lembremos de Isaías 35, onde Deus vem para salvar seu povo (Is 35.4), os olhos dos cegos se abrem (35.5) e os resgatados do Senhor alegremente seguem seu caminho em uma estrada para Sião/Jerusalém (35.8-10). Seu destino resultará na remoção da tristeza e do gemido (35.10).

Portanto, a morte de Jesus é muito mais do que um gesto político ou um erro. Marcos nos apresenta isso como cumprimento das promessas do AT acerca de um Messias que veio trazer o seu povo à uma nova era. Isso explica a admiração e o medo no v.32.

iii. Também nos é dito pela primeira vez que a morte de Jesus será resultado de um processo judicial (“condenar” no v.33 é uma palavra judicial) e que os gentios também estarão envolvidos (v.33). Jesus vai morrer como se fosse um “pecador”. A responsabilidade pela morte de Jesus é universal.

2. O REI VITORIOSO MORRERÁ EM BENEFÍCIO DO SEU POVO (10.35-45).

Marcos liga deliberadamente esse episódio ao que o segue imediatamente, repetindo a pergunta: “O que você quer que eu faça por você?” (vs.36, 51). Estamos sendo convidados a comparar e contrastar as respostas dadas por Tiago, João e o cego.

Os discípulos ainda estão empenhados em obter o lugar de honra e glória (v.37). Eles acreditam claramente que Jesus um dia será entronizado em glória e, portanto, serão honrados. Mas eles ainda não compreenderam a necessidade da cruz na vida de Jesus ou na própria vida deles.

A resposta que Jesus lhes dá revela sua ignorância (v.38a – “Você não sabe o que está pedindo”) e continua com duas imagens para revelar ainda mais o propósito de sua morte.

i. *“Você é capaz de beber o cálice que eu bebo?”* - O cálice a que Jesus faz referência é o cálice da ira de Deus contra o pecado (cf. Jeremias 25.15-29; 49.12). Para que Israel volte do exílio, o cálice deve ser tomado (Isaías 51.17-23). Jesus está afirmando que ele beberá, sua morte será carregada de ira. Em Marcos 14.36, Jesus pede para que o cálice seja afastado dele porque será uma coisa terrível.

ii. *“Você pode ser batizado com o batismo com o qual eu sou batizado?”* - Estar sobrecarregado com a água também é uma imagem do AT para a ira e o julgamento de Deus (Gênesis 6.17; Êxodo 14.21-28) através dos quais seu povo é salvo (Gênesis 7.1; Êxodo 14.29; Isaías 43.2 cf. 1Pedro 3.20-21). No Salmo 69.2, 15, o rei davídico pede a Deus que o salve das águas. Jesus está dizendo que ele suportará o julgamento de Deus para salvar o seu povo.

Jesus pergunta a Tiago e João se eles podem beber este cálice e ser batizados com este batismo. Eles garantem que são capazes (v.39) e Jesus garante que eles beberão e serão batizados (v.39). Em que sentido ele quis dizer isso? Existem algumas possibilidades:

i. Jesus está aludindo ao sofrimento futuro dos discípulos quando eles serão perseguidos e morrerão por ele. Isso se encaixa no contexto mais amplo em que o discipulado é moldado pela cruz (8.34) – como Jesus caminha, assim também caminham os discípulos. No entanto, não se encaixa na ira que leva a morte de Jesus. Tiago e João não beberão o cálice dessa maneira.

ii. Jesus está aludindo ao fato de que ele morrerá em favor deles e, nesse sentido, eles beberão e serão batizados “nele e com ele”. Isso se encaixa no contexto imediato em que Jesus está prestes a dizer-lhes que ele morrerá como resgate por muitos (v.45).

Não é preocupação de Jesus quem se sentará nos lugares de honra (v.40 seu foco é sua morte). O resto dos discípulos ouvem o que Tiago e João estão fazendo e ficam indignados (v.41) – eles não estão em paz uns com os outros (9.50), porque eles não compreenderam o caminho da cruz. Jesus mais uma vez precisa ensiná-los que o caminho do discipulado, o caminho da grandeza no reino, é ser um servo de todos (v.44). Jesus é o grande exemplo disso: até mesmo o Filho do Homem (com todas as poderosas imagens de Daniel 7) veio para servir (v.45).

Mas, o serviço de Jesus é mais do que um exemplo a seguir. É também um resgate único que torna possível o discipulado. A linguagem do resgate é rica em associações do AT.

i. O evento da Páscoa e a festa comemorativa enfatizam a necessidade de um resgate para evitar a ira de Deus (Êxodo 11.1 – 12.42). Pertencer a Israel envolvia pagar um resgate em dinheiro (Êx 30: 12ss).

ii. O Dia da Expição representava resgate no destino dos dois bodes que sofriam e morriam pelo pecado (Levítico 16).

iii. Os grandes cânticos do servo de Isaías apontam para aquele que viria e morreria como resgate final (Isaías 53); muitas nações serão “aspergidas” através dele (Isaías 52.13-15) e os “resgatados do Senhor” retornarão a Sião com ele (Isaías 35.10).

Portanto, a morte de Jesus assegura o discipulado e molda o discipulado.

3. O REI VITORIOSO DEVE SER CRIDO (10.46-52).

O cego contrasta deliberadamente com os discípulos. Eles querem glória (10.37), ele quer misericórdia (vs.47-48). Pela fé, ele pede a Jesus para curá-lo e Jesus diz que sua fé o curou (lit. “o salvou”). Note que o cego segue Jesus no caminho. Ele é um verdadeiro discípulo, resgatado e a caminho de Sião (cf. Isaías 35).

Jesus não diz a ele para ficar calado sobre o que aconteceu com ele (cf. 1.44; 3.12 etc.) ou para não segui-lo (5.18-19). Assumimos que Bartimeu compreendeu o cenário completo: Jesus é Rei (“Filho de Davi” vs.47-48), mas um rei a caminho de morrer como resgate em Jerusalém. Bartimeu contrasta com os discípulos e será um milagre fazê-los ver tudo o que Jesus fará por eles e segui-lo assim.

PENSANDO NISSO

Que coisas novas essa passagem nos ensina sobre a morte de Jesus por nós?

Como esse entendimento nos leva a uma nova compreensão do discipulado?

MARCOS 11.1-25

ALVO

- *Ver Jesus como o rei triunfante julgando o velho Israel, mas prometendo libertação a todos que tiverem fé nele.*

CONTEXTO

Em três ocasiões nos últimos três capítulos, Jesus predisse sua morte (8.31; 9.31; 10.33-34). A previsão final foi a mais específica até agora que identifica Jerusalém como o local de sua morte que implica judeus e gentios em sua execução judicial (“condenar”). Sua morte envolverá suportar a ira e o julgamento de Deus sobre o pecado (10.38), mas, também será um resgate para muitos (10.38 o batismo é um meio de libertação e de julgamento – 10.45). Jesus morrerá em nome e em favor de outros.

Jesus também delineou o caminho do discipulado para seus seguidores. É um auto sacrifício (8.34ss), serviço (9.35) e escravidão (10.43). Para entrar no reino, eles devem desistir de tudo (10.21) e se humilharem da mesma maneira que se humilhariam ao receber uma criança (10.15).

Essa humilhação radical parece impossível para os discípulos que estão continuamente interessados na glória sem sofrer e sem abnegação (8.32; 9.34, 38; 10.37). Jesus pressiona ainda mais: é impossível alguém entrar no reino abandonados a si mesmos, mas com Deus isso é possível (10.27). Deus pode criar fé em Jesus como rei de Deus e abrir os olhos para vê-lo como tal (10.46ss). A fé em Jesus está no coração que recebe tudo o que ele está prestes a fazer e no coração que entra no reino através de sua morte.

Nossa próxima seção vê Jesus entrando em Jerusalém como rei, julgando o velho Israel que se recusa a ter fé Nele e mantendo o caminho da fé como o caminho da salvação. A passagem também introduz uma nova seção no evangelho centralizada no templo em Jerusalém (11.1 – 13.36).

ESTRUTURA

11.1-11 – O Rei entra em Jerusalém.

11.12-21 – O Rei Julga o Templo.

11.22-25 – O Rei Oferece Perdão.

1. O REI ENTRA EM JERUSALÉM (11.1-11)

Jesus agora se aproxima e entra em Jerusalém, onde o restante do evangelho de Marcos será estabelecido. Marcos assinala a importância do Monte das Oliveiras, reservando esta seção com referências a ele (11.1; 13.3).

A sequência com o “jumentinho” (vs.2-7) demonstra a soberania de Jesus na situação. Ele entrará em Jerusalém nos seus termos e no controle total dos eventos. Em vista da maneira como as coisas vão acabar, essa é uma afirmação importante.

Ele também introduz a profecia de Zacarias 9.9-13, onde o rei messiânico de Israel vem a Jerusalém montado no jumento. De acordo com a profecia, ele vem trazer paz às nações (Zc 9.10), liberdade e restauração a Israel (Zc 10.11-12). Notavelmente, Ele fará isso “por causa do sangue da minha aliança com você” (Zc 10.11). Essa frase será escolhida por Jesus em Marcos 14.24, quando ele celebra a Ceia do Senhor em antecipação à sua morte.

A resposta da multidão a Jesus nos vs.7-11, quando ele entra em Jerusalém no “jumentinho”, pressiona ainda mais o ponto que este é o rei messiânico que veio para começar o seu reinado. Ele é reconhecido como aquele que trará “o reino vindouro de nosso pai Davi” (v.10). Portanto, celebração e aclamação são totalmente apropriadas.

2. O REI JULGA O TEMPLO (11.12-21)

Marcos agora estrutura seu material como um “sanduíche”, típico de seu estilo (cf. 3.20-35). O material no meio do sanduíche (neste caso, a limpeza do templo nos vs.15-19) interpreta e é interpretado pelo material que a cerca (neste caso, a maldição da figueira nos vs.12-14 e vs.20-21).

Jesus não está se comportando como uma criança mimada nos vs.12-14. Ele está deliberadamente mostrando a seus discípulos o estado de Israel e o que acontecerá com ele. No AT, Deus procurou frutos da figueira de Israel (Isaías 5; Oséias 9.10; Miquéias 7.16). Jesus vê folhas na árvore que geralmente indicam frutos, mas não encontra então ele amaldiçoa a árvore. (Observe que Marcos faz questão no fato de que os discípulos “ouviram” v.14b: lembre-se da importância de ouvir Jesus 9.7). Ele voltará ao significado da figueira amaldiçoada no v.20, mas parece que isso tem a ver com a maldição do antigo Israel.

O incidente no templo que se segue imediatamente deixa isso claro. Jesus entra em Jerusalém, o ponto central da vida judaica, e segue direto para o templo, o ponto central da vida religiosa. Era a morada simbólica de Deus na Terra, onde sacrifícios e orações eram oferecidos a Deus.

A atividade de troca de dinheiro e venda de pombos não estava errada por si só. O dinheiro da expiação tinha que ser pago em uma cunhagem específica do templo (Cf. Êx 30.11-16) e os pássaros eram prescritos como ofertas pelo pecado e pela impureza (Lv 5.7; 12.6,8; 14.22). Era mais fácil comprar pássaros já aprovados nas quadras do templo do que comprá-los fora e correr o risco de serem rejeitados.

Portanto, o problema não é o comércio no templo. O problema é que essas coisas eram folhas onde Deus estava procurando frutos. O templo deixou de ser uma casa de oração: no v.17 Jesus cita Jeremias 7.11. Jeremias 7 mostra o retrato de um povo que usava o templo como garantia de segurança (Jr 7.4) e negligenciava os sérios problemas da vida. Eles estavam oprimindo os pobres e adorando outros deuses (Jr 7.56); como a geração do Êxodo, eles estavam fazendo suas ofertas, mas recusando-se a obedecer a Deus (Jr 7.21-24); como todas as gerações sucessivas de Israel, uma vez que se recusavam a ouvir as palavras dos profetas (Jr 7.25-26, cf. Marcos 12.1-12). Esta é uma geração da ira de Deus (Jr 7.29) e, portanto, Jesus os amaldiçoa.

Os principais sacerdotes e escribas confirmam essa análise, pois estão procurando uma maneira de destruí-lo (v.18). Até a multidão que está espantada com seus ensinamentos acabará se voltando contra ele (15.11).

No dia seguinte, eles veem a figueira novamente e Pedro “lembra” e aponta que ela está murcha. Isso dá a Jesus a oportunidade de ensinar mais.

3. O REI OFERECE PERDÃO (11.22-25)

Esses versículos geralmente são retirados do contexto para ensinar uma visão específica da oração, por exemplo: “Se você tiver fé suficiente, poderá fazer coisas maravilhosas e milagrosas acontecerem. Se você orar por alguma coisa e ela não acontecer, ou você não tem fé suficiente ou há pecado imperdoável em sua vida”. Isso é pastoralmente desastroso e gera cristãos desesperados e desiludidos.

A passagem não é uma peça geral de ensino sobre a natureza da oração. No contexto, deve estar relacionado à libertação do julgamento que Jesus acabou de proclamar sobre o Israel incrédulo. A exclamação de Pedro no v.21, ao ver a figueira murcha, provoca a resposta de Jesus no v.22: “Tenha fé em Deus”. Já vimos em Marcos que a fé é o caminho para entrar no reino (2.5; 4.40; 5.34, 36; 9.23; 10.52) e a falta de fé em Jesus é o caminho para ser mantido do lado de fora (10.21-22). Portanto, o incentivo a Pedro para ter fé em Deus deve ser o caminho para evitar o julgamento, para fazer parte do reino vindouro de nosso pai Davi (11.10).

Deixados por nossa conta própria, é impossível entrar no reino (10.23), mas com fé em Deus é possível que o impossível aconteça – montanhas podem ser lançadas ao mar (v.23). Portanto, a fé em Deus resultará em Deus libertando você, se você pedir a Ele também (v.24).

Jesus continua com o assunto da oração no v.24. Já o ouvimos ensinar sobre oração antes em Marcos 9.14-29. Ali refletia uma total dependência de Jesus, que foi exemplificada pelo homem nos vs.23-24. Observe também que Jesus disse: “Todas as coisas são possíveis para quem crer” (9.23). Novamente, esse incidente foi lido como uma libertação espiritual exemplar (9.26) do terrível estado em que os seres humanos se encontram. Portanto, a oração a que Jesus se refere em 11.24 é a oração fiel à oração pela libertação.

Essa oração fiel pela libertação significará que admitimos que somos pecadores que precisam de perdão e que perdoam aos outros (cf. 9.50b).

PENSANDO NISSO

O que isso nos ensina sobre Jesus? Como isso desafia nossos pontos de vista sobre ele?

O que isso nos ensina sobre tudo o que ele fez por nós e como devemos responder a ele?

MARCOS 11.27 – 12.17

ALVO

- *Ver a seriedade da rejeição do velho Israel por Jesus.*
- *Ser grato a Deus que em sua graça dá sua vinha a outros que devem dar a Ele o que lhe pertence.*

CONTEXTO

O ministério de Jesus está se movendo em direção ao seu clímax. Jesus já previu que ele morrerá e ressuscitará em Jerusalém (10.33-34) e agora ele entra na cidade (11.11). Jesus entra em Jerusalém deliberadamente enfatizando sua soberania sobre os eventos que estão prestes a se desenrolar (11.23), mas também conscientemente como o rei messiânico que vem trazer a paz por causa do sangue da sua aliança (11.4-10 cf. Zc 9.9-13).

A multidão reconhece em Jesus a afirmação de seu reinado e sua pretensão em trazer o reino final (11.9-10). No entanto, dada a maneira como a multidão se volta contra Jesus, mais tarde no evangelho (15.6-15), nós devemos assumir que eles recebem Jesus apenas como um libertador político, e não como um salvador que morrerá por seus pecados.

Marcos agora lança os holofotes sobre o templo. O ministério de Jesus se concentrará dentro e ao redor do templo até 13.36. O templo é o foco da vida nacional de Israel. É o símbolo da presença de Deus entre eles. No entanto, a maldição da figueira (11.12-14) por causa da falta de frutos, seguida pela limpeza do templo, indica que Deus está julgando Israel por sua vida infrutífera. A citação que Jesus faz de Jeremias 7 em 11.17 confirma esse entendimento. Israel tem usado o templo como um talismã supersticioso enquanto adora outros deuses. O julgamento de Deus está prestes a cair sobre eles por sua vida continuamente infrutífera.

A próxima seção aborda o tema da rejeição de Deus por Israel, resumida por seus líderes espirituais e sua atitude em relação a Jesus.

ESTRUTURA

11.27-33 – A autoridade de Jesus para julgar é questionada.

12.1-12 – A autoridade de Jesus para julgar é estabelecida.

12.13-17 – A autoridade de Deus é inquestionável.

1. A AUTORIDADE DE JESUS PARA JULGAR É QUESTIONADA. (11.27-33)

Jesus acaba de exercer imensa autoridade. Quem tem o direito de purificar e julgar o templo? Os principais sacerdotes e os escribas estão furiosos e, portanto, procuram uma maneira de matar Jesus (11.18). Esse desejo de matar Jesus agora surge em vários encontros: 11.27-33 e 12.13-17 representam ataques a Jesus pelos líderes religiosos de Israel. Em 12.1-11, Jesus interpreta esses ataques e estabelece sua autoridade.

Os líderes religiosos confrontam Jesus no templo nos vs.27-28. A pergunta deles no v.28 foi feita com a intenção de prendê-lo. Se ele responder que sua autoridade vem de Deus, eles o acusarão de blasfêmia e reivindicarão o direito de matá-lo. Se ele responde do homem, novamente, isso não é autoridade alguma e ele é digno de julgamento por esse comportamento audacioso.

Portanto, em vez de cair na armadilha deles, Jesus coloca uma contra pergunta brilhante no v.30. Os vs.31-32 revelam o topo do dilema sobre o qual Jesus lançou os líderes religiosos. No entanto, não se trata apenas de uma disputa verbal inteligente. Jesus está querendo expor a apostasia dos líderes religiosos. Eles se recusam a reconhecer a autoridade de João Batista e, portanto, se recusam a reconhecer a autoridade de Jesus. O batismo de João foi um batismo de arrependimento pelo perdão dos pecados (1.4). Portanto, não reconhecê-lo é recusar implicitamente se arrepender e se recusar a seguir o caminho do perdão (cf. 11.25). Eles não têm fé e não serão salvos do julgamento vindouro (11.22-25).

2. A AUTORIDADE DE JESUS PARA JULGAR É ESTABELECIDADA. (12.1-12)

O versículo de abertura do capítulo 12 é crucial. Jesus ensinou a seus discípulos que as parábolas têm uma função específica em seu ensino. Em 4.11-12, Jesus indica que conta parábolas para quem está fora do reino como um ato de julgamento. As parábolas são projetadas para cegar ainda mais os espiritualmente cegos e ensurdecer ainda mais os espiritualmente surdos. Esse cegar judicial do pecador endurecido impede que eles se tornem perdoados (4.12b, cf. 11.25).

Marcos não nos contou nenhuma parábola desde o capítulo 4 (a menos que se conte 7.27ss, mas isso não é explicitamente chamado de parábola e leva ao entendimento, não ao endurecimento). Portanto, o retorno à narração de uma parábola, na verdade uma parábola tão longa, é altamente significativo. Jesus está pronunciando um julgamento sério sobre os líderes religiosos de Israel.

Os detalhes da parábola tornam-se claros quando lidos no contexto de Isaías 5.17, que descreve Israel como uma vinha fora de controle. Os servos que o proprietário envia para colher frutos dos inquilinos são seus profetas (v.25). Este entendimento é confirmado por Jeremias 7.24-26 (o capítulo que Jesus cita em Marcos 11.17), que fala da rejeição de Israel aos profetas que são os servos de Deus. O filho amado do v.6 deve se referir a Jesus: ele é a resposta final do proprietário para que os inquilinos se arrependam. Eles se recusam a aceitar o filho e resolvem matá-lo (Jesus estava prevendo que isso acontecerá com ele, cf. 10.33). Portanto, o v.9 é um verso sóbrio de julgamento e graça – julgamento uma vez que a paciência de Deus com os inquilinos originais se esgotou, mas também graça já que ele dá a vinha a outros.

Jesus termina a parábola citando o Salmo 118, um salmo que fala da vitória sobre os inimigos. Os líderes religiosos de Israel podem ter rejeitado Jesus, mas na providência de Deus ele deve se tornar a pedra angular. Pode ser imagens do templo, onde Jesus está indicando que, embora o antigo templo esteja sob julgamento, ele é o novo templo. Ele respondeu à pergunta de 11.28 dos líderes religiosos como o filho amado e como a pedra angular, ele tem total autoridade para julgar o Israel impenitente.

A verdade da parábola e a evidência de que as parábolas são usadas para cegar ainda mais os cegos, são encontradas no v.13. Os líderes religiosos sabem que a parábola foi contada contra eles, mas ainda estão longe de se arrependerem, eles ainda procuram uma maneira de prender Jesus. Suas ações confirmam as palavras de Jesus contra eles.

3. A AUTORIDADE DE DEUS É INQUESTIONÁVEL. (12.13-17)

Os fariseus e herodianos agora são enviados para prender Jesus (v.13). Suas palavras cheias de elogios a Jesus no início do v.14a, são confirmadas por Jesus como uma total falta de sinceridade no v.15a – eles são hipócritas.

Mais uma vez, a pergunta deles no v.14b foi projetada para forçar Jesus a tocar novamente o topo de um dilema. Se ele disser que é lícito pagar impostos a César, o povo o acusará de ser um colaborador e perderá a fé Nele como libertador. Se ele disser que não é lícito pagar impostos a César, os romanos o prenderão como alguém subversivo (um revolucionário, que quer derrubar a ordem estabelecida).

Mais uma vez, Jesus dá uma resposta brilhante, mas penetrante. A imagem de César na moeda é incontestável, portanto, não é inflamatório para nenhum dos lados dizer: “Dê a César as coisas que são de César”. Mas, a segunda metade da afirmação de Jesus é onde a borracha morde a estrada. O que ele quer dizer quando diz para eles darem “a Deus as coisas que são de Deus”?

No contexto mais amplo, Jesus deve se referir ao fruto que falta na árvore frutífera, à adoração que falta no templo e ao reconhecimento do Filho na parábola. Jeremias 7 é novamente instrutivo. Deus está interessado na obediência à aliança (Jr 7.23), que emite justiça (Jr 7.5-6). Isso não é “religião de obras” – o pacto é baseado na graça e exige uma vida de grata adoração. Isso é o que os líderes de Israel negaram ao rejeitar Jesus. O chamado para render a Deus as coisas que são de Deus é um pedido de obediência de adoração que reconhece o Filho, Jesus Cristo.

PENSANDO NISSO

Como o texto desafia nossa visão com respeito a Jesus?

O que o texto nos diz com respeito a não nos parecermos com os líderes judeus?

- É a nossa resposta com gratidão, que a vinha foi dada a outras pessoas (12.9 cf. Romanos 11)?
- Nos adverte a temer o julgamento de Deus (cf. Romanos 9: 20-22)?
- Nos adverte a render a Deus as coisas que são de Deus?

MARCOS 12.18-44

ALVO

- *Ver que a falsa religião não compreende as Escrituras e será julgada por isso.*
- *Ver que a verdadeira religião será recompensada.*

CONTEXTO

Jesus entrou em Jerusalém (11.11), onde previu que sofrerá nas mãos dos principais sacerdotes e escribas, será morto e ressuscitado (ver 10.33-34). O foco de seu ministério em Jerusalém é o Templo (11.11, 15, 27; 12.35-41; 13.1), o centro da esperança e da confiança dos judeus. Jesus profetiza julgamento sobre o antigo Israel (11.12-25; 12.11), uma vez que eles não produzem o fruto de justiça que Deus está buscando. Eles seguem a letra da lei, mas seus corações estão longe de Deus.

Os líderes do antigo Israel confirmam o julgamento de Jesus, enquanto continuam a atacá-lo com perguntas hostis (11.27ss; 12.13ss). Esse padrão é mantido em 12.18-44, onde os líderes do antigo Israel continuam a preparar armadilhas para pegar Jesus (12.18). Jesus continua a emitir avisos de julgamento contra eles (12.38ss). No entanto, também há esperança para alguns do antigo Israel, se eles entenderem o coração da Lei (12.28ss). O coração da passagem parece girar em torno da interpretação correta do AT (vs.24, 28, 35).

ESTRUTURA

12.18-27 – Os saduceus estão errados.

12.28-34 – Um escriba está certo.

12.35-40 – Os escribas estão errados.

12.41-44 – A viúva está certa.

1. OS SADUCEUS ESTÃO ERRADOS (12.18-27).

Os saduceus tentam negar a realidade da ressurreição final (v.18). A ressurreição na teologia judaica seria o tempo do julgamento final. Então, os saduceus também negam implicitamente o julgamento. Essa tem sido uma grande preocupação de Jesus durante seu tempo até agora em Jerusalém. Portanto, a negação é importante neste momento. Eles tentam demonstrar o absurdo da ressurreição ao formular uma pergunta relacionada à provisão do AT para o casamento com o *levirato* (Deuteronômio 25.5-10). Se a letra da lei for seguida na ressurreição, haverá grande confusão (v.23). Portanto, os saduceus estão tentando fazer com que Jesus negue a lei ou negue a ressurreição. De qualquer forma, ele está em apuros com a multidão.

Jesus é bastante rígido na ideia de que os saduceus estão errados (vs.24, 27b). A razão de sua loucura é que eles não conhecem as Escrituras nem o poder de Deus (v.24). Esta é uma razão, e não duas – conhecer verdadeiramente as Escrituras é conhecer o poder de Deus para ressuscitar os mortos. Jesus aborda as pontas do dilema com que os saduceus o apresentaram.

- i. (v.25) A lei não será violada na ressurreição, pois não haverá casamento. Não haverá necessidade de continuar o sobrenome (que era o objetivo do casamento com o *levirato*).
- ii. (v.26) As Escrituras demonstram que haverá uma ressurreição. Quando Deus fala a Moisés a partir da sarça em Êxodo 3, ele fala de Abraão, Isaque e Jacó no tempo presente. Eles ainda estão vivos na economia de Deus e receberão no tempo o cumprimento das promessas que Deus faz a Moisés. A única maneira de entender isso é com base na ressurreição futura.

Os saduceus parecem exemplificar a incapacidade do velho Israel de entender as Escrituras corretamente: ter ouvidos para ouvir (cf. 4: 10ss).

2. UM ESCRIBA ESTÁ CERTO (12.28-34).

Mas, nem tudo está perdido para o velho Israel. Marcos agora apresenta um escriba que faz uma pergunta a Jesus (v.28). Parece haver um eco deliberado de 10.17, onde outro homem faz uma pergunta a Jesus. Jesus responde à pergunta do escriba sobre o mandamento mais importante citando Deuteronômio 6.4 e Levítico 19.18. Esses dois mandamentos estão no cerne da lei do AT (v.31b).

O Escriba reafirma a resposta que Jesus lhe dá (v.32), mas inclui um acréscimo significativo no v.33b: *“amar a Deus e ao próximo... é muito mais importante do que todas as ofertas e sacrifícios”*. Ele vê o que o Israel antigo deixa de ver – que os rituais do templo são vazios, se não acompanhados do coração cheio de amor por Deus e pelo próximo (cf. 11.17 e Jeremias 7). Ele realmente conhece as Escrituras.

Jesus reafirma sua resposta no v.34 e diz a ele que não está longe do reino. Isso é um pouco enigmático, mas presumivelmente Jesus está dizendo que ver que a religião é principalmente uma questão do coração e que se desenvolve em ação é o começo do reconhecimento da necessidade de perdão e de um coração transformado (7.14-23).

3. OS ESCRIBAS ESTÃO ERRADOS (12.35-40).

Jesus continua levantando uma questão própria. Observe que ele pergunta: *“Como os escribas (mestres da lei) dizem que o Cristo é filho de Davi?”*. Dado o encontro que acabou de acontecer nos vs.18-27 e o aviso que está prestes a ser dado nos vs.38-40, isso deve ser significativo. Parece ser outro exemplo de como os escribas ignoravam as Escrituras.

A pergunta de Jesus parece sugerir que os escribas estavam ensinando que o Cristo estaria sujeito a Davi. Isto significa que o Cristo seria grande, mas não tão grande quanto Davi. Jesus chama a atenção deles para a declaração de Davi, inspirado pelo Espírito Santo, de que o Messias seria seu Senhor (Salmo 110.1). Se Davi chamou o Messias vindouro de seu Senhor, então ele deve ser maior que Davi. Os escribas não conhecem as Escrituras nem o poder de Deus. Jesus tem autoridade para interpretar as Escrituras como o Senhor de Davi.

Jesus continua alertando sobre a religião dos escribas nos vs.38-40: é externa (vs.38-40) e imoral (v.40a). Mais uma vez, Jesus apresenta as características da vida infrutífera sobre as quais ele já advertiu no capítulo 11 (cf. Jeremias 7). Assumimos que os escribas receberão “*maior condenação*” (v.40b), pois deveriam conhecer as Escrituras e viver de outra maneira. A vida e o trabalho deles estavam centrados no AT, mas eles falham completamente em entender o coração do AT. Isso os leva a viver fora da vontade de Deus, confiantes em sua própria justiça.

4. A VIÚVA ESTÁ CERTA (12.41-44).

A seção termina com Jesus observando uma viúva. Ela fornece uma quantia pequena (v.42) em contraste com as grandes somas dadas pelos ricos (v.41). Mas Jesus a elogia e a coloca acima dos ricos. Eles dão uma proporção de sua abundância (o que sobra), mas ela dá tudo o que tem (v.44). Ela entendeu o princípio do AT de amor sincero a Deus. Ela exemplifica o ensino de Jesus em 8.34-37. A verdadeira religião dá tudo a Deus. Os escribas não dão nada.

PENSANDO NISSO

Até que ponto nossa compreensão das Escrituras é enraizada em nossas vidas?

De que maneira somos tentados a valorizar a compreensão cerebral da Bíblia, que perde o sentido da Bíblia e da verdadeira religião?

MARCOS 13.1-37

ALVO

- *Ver que a destruição do Templo é certa.*
- *Estar alerta desde que a destruição do templo é semelhante ao julgamento final do mundo.*

CONTEXTO

Jesus continua a ensinar em Jerusalém com sua atividade centrada no templo. Ele expôs o pecado do antigo Israel, que falha em entender as Escrituras ou o poder de Deus (12.18-44). Ele profetizou que os líderes do antigo Israel serão julgados de uma vez por todas (12.1-12).

Jesus agora volta sua atenção para a estrutura do próprio templo e profetiza sua destruição (13.2). A destruição do templo nos indicará o julgamento de todo o mundo.

ESTRUTURA

13.1-2 – O Templo será destruído.

13.3-13 – Como agir antes que o Templo seja julgado?

13.14-23 – Como agir quando o Templo for destruído?

13.24-27 – O que acontecerá depois que o Templo for destruído?

13.28-31 – O julgamento do Templo é um sinal do julgamento do mundo.

13.32-37 – Como agir enquanto esperamos o julgamento?

1. O TEMPLO SERÁ DESTRUÍDO (13.1-2).

O comentário do discípulo não identificado sobre a beleza da estrutura física do templo leva à profecia de Jesus de que o templo físico será destruído. Portanto, essa parece ser a ideia controladora do capítulo 13. Tudo o mais no capítulo brota dele.

2. COMO AGIR ANTES QUE O TEMPLO SEJA JULGADO? (13.3-13)

Pedro, Tiago, João e André agora têm uma audiência privada com Jesus. Eles querem saber como poderão saber quando o templo estará prestes de ser destruído (v.4).

Jesus lhes dá dois avisos:

i. Veja que ninguém se desvie (vs.5-8). Os dias antes da destruição do templo serão caracterizados por falsos messias (v.6), guerras (vs.7-8a) e desastres naturais (v.8b). Estes serão apenas o começo das dores de parto para o principal evento de julgamento sobre Israel na destruição do templo. Os discípulos devem manter-se firmes.

ii. Estejam em guarda (vs.9-13). Jesus mostra uma imagem gráfica da perseguição das autoridades religiosas (v.9) e até das famílias (v.12). Jesus não os encoraja a ansiedade, pois o Espírito lhes dará palavras para dizer quando estiverem em julgamento (v.11) e para preservá-los até o fim por causa Dele, a fim de serem salvos. Os eventos imediatamente anteriores à destruição do templo os tentarão a desistir sob o peso da perseguição, então eles devem ficar em guarda.

O versículo 10 pode sugerir uma escala de tempo que vai além da destruição do templo. Mas, se assumirmos que os eventos registrados em Atos (que Lucas vê como a conclusão do círculo de pregar o evangelho às nações pelos apóstolos) ocorreram antes da destruição, essas palavras se mantêm verdadeiras.

3. COMO AGIR QUANDO O TEMPLO FOR DESTRUÍDO? (13.14-23)

A frase *“abominação da desolação”* é retirada de Daniel 9.27; 11.31 onde se refere à profanação do templo. Em 30 de agosto de 70 d.C., os romanos capturaram e queimaram o templo. O general romano Tito entrou no Santo dos Santos, profanando-o, pois apenas o sumo sacerdote poderia entrar nesse lugar.

Este será um tempo de grande tribulação e dispersão (vs.15-19), mas Deus não permitirá que seja uma destruição definitiva de seu povo eleito em Israel (v.20). No entanto, os discípulos devem continuar em guarda, porque os dias que cercam a destruição do templo serão cheios de falsos profetas e falsos messias (vs.21-23).

4. O QUE ACONTECERÁ DEPOIS QUE O TEMPLO FOR DESTRUÍDO? (13.24-27)

Essa passagem nos move para além da destruição do templo. Os eventos ocorrem após a destruição do templo (v.24). A linguagem parece ser apocalíptica no fim dos tempos, referindo-se ao último dia do Senhor e ao visível retorno de Jesus (cf. Marcos 8.38). Parece apontar para o último dia em que Cristo retornará nas nuvens (cf. Atos 1.11). A linguagem e as imagens ecoam em Apocalipse 7, onde o povo final de Deus se reúne ao redor do trono de Deus.

Os discípulos não devem desanimar. A destruição do templo não impedirá o propósito de Deus de salvar seus eleitos em todo o mundo.

5. O JULGAMENTO DO TEMPLO É UM SINAL DO JULGAMENTO DO MUNDO. (13.28-31)

Jesus agora parece traçar a relação entre o julgamento do templo e o julgamento final. O brotar da figueira é um sinal de que o verão está próximo (v.28); assim, quando essas coisas acontecerem (isto é, a destruição do templo), vocês saberão que Ele está próximo (ou seja, a vinda do Filho do Homem). A destruição do templo é um sinal de julgamento final. Portanto, “*todas estas coisas*” do v.30 se referem à “*estas coisas*” do v.29 com a qual Jesus fala que não passará até que o templo seja destruído. Sua profecia é certa (v.31).

6. COMO AGIR ENQUANTO ESPERAMOS O JULGAMENTO? (13.32-37)

Jesus diz que, embora esses eventos sejam certos, seu tempo é incerto para todos, exceto para o Pai (v.32). A postura característica do cristão é permanecer acordado (v.33, v.34, v.37). A tentação será ir dormir enquanto esperamos por Jesus, e sermos apanhados de surpresa e sem fé. Sabemos que a destruição do templo aconteceu, então veja o quanto mais devemos nos despertar para o retorno e julgamento final de Jesus.

PENSANDO NISSO

De que maneira somos tentados a “dormir” enquanto aguardamos o julgamento final?

Como essa passagem nos encoraja a ficar acordados?

MARCOS 14.1-26

ALVO

- *Ver que Jesus se entrega soberanamente à morte a fim de cumprir a aliança da graça.*
- *Ver que os seres humanos também foram responsáveis por sua morte.*

CONTEXTO

Agora entramos na parte final do evangelho de Marcos. Jesus predisse sua morte em três ocasiões (8.31; 9.31; 10.33) e demonstrou que está totalmente ciente dos eventos que estão prestes a acontecer. Ele não é pego de surpresa e sabe que seu reinado será estabelecido através de sua morte e ressurreição.

Marcos também nos disse que os seres humanos estão planejando matar Jesus (3.6; 11.18; 12.12). Eles o fazem porque se recusam a ouvir as palavras de Jesus e seus corações são maus (7.14-23). Jesus preparou seus discípulos para o julgamento que está por vir (12.1-11, 13). Ele disse a eles para ficarem atentos, pois o julgamento pode chegar a qualquer momento (13.33, 34, 37).

Esses capítulos finais nos mostram Jesus caminhando livremente até a morte e interpretam o significado de sua morte por nós. Ao lado dessa narrativa está a história da traição de Judas, a negação dos outros 11, particularmente Pedro, e a conspiração das autoridades para matar Jesus. De muitas maneiras, o versículo 21 é um versículo chave que mantém unida a intenção divina [“O Filho do Homem vai, como está escrito a seu respeito”] e a responsabilidade humana [“Mas ai daquele que trai o Filho do Homem! Melhor lhe seria não haver nascido”].

ESTRUTURA

14.1-11 – Uma unção para recordar.

14.12-26 – Uma ceia para recordar.

1. UMA UNÇÃO PARA RECORDAR. (14.1-11)

Parece haver um “*Markan sandwich*”¹ (sanduíche de Marcos) trabalhando aqui, com os vs.1-2 e vs.10-11 formando as seções externas. Podemos até falar em “multicamadas”, já que os temas apresentados aqui (traição, negação e plano divino) continuam a ocorrer nos próximos capítulos.

¹ Marcos usa técnicas literárias diferentes para apresentar seu relato da vida de Jesus. Uma dessas técnicas ficou conhecida como “*Markan sandwich*” (*Sanduíche de Marcos*). Essa é a técnica pela qual Marcos interrompe uma história com o que parece ser uma história não relacionada.

<https://ordinand.wordpress.com/2008/02/07/literary-technique-the-markan-sandwich/>

Marcos começa a sinalizar o significado teológico da morte de Jesus no v.1 que alcançará um clímax nas palavras de Jesus nos vs.22-25 (veja as notas para mais). A Páscoa e a festa dos pães asmos (sem fermento, não levedado) que imediatamente se seguiram foram dados por Deus ao seu povo para celebrar o Êxodo do Egito (Êx 12.1-28). No evento original do Êxodo, um cordeiro seria morto e seu sangue seria espalhado (aspergido) nas ombreiras das casas dos israelitas. Isso garantiria que o anjo do Senhor, ao passar pelo Egito matando todo primogênito, passasse por cima das casas dos israelitas. A festa da Páscoa sempre envolvia matar e comer o cordeiro para recordar o evento do Êxodo. Marcos está nos preparando para ver Jesus como o cordeiro final da Páscoa – que os principais sacerdotes e escribas estão procurando uma maneira de matá-lo (v.1), mesmo que desejem evitar o banquete (v.2). No entanto, Jesus será morto durante a festa, a fim de cumprir a promessa da Páscoa.

Judas conspira na trama dos principais sacerdotes e escribas (vs.10-11). Marcos não nos dá nenhum motivo além da possibilidade do dinheiro envolvido na conspiração. O ódio dos principais sacerdotes e escribas e a ganância de Judas contrasta fortemente com o incidente impensado entre eles nos vs.3-9.

Existem três fatores em ação aqui:

i. v.3 A ação cara da mulher de quebrar o frasco de nardo sobre a cabeça de Jesus. Não temos certeza se a mulher compreendeu todas as implicações de suas ações (veja o v.8 abaixo), mas é obviamente um ato de amorosa devoção a Jesus. Ele descreve isso como uma “boa ação” no v.7. Seu prodígio ato de devoção é contrastado por Marcos com a ganância de Judas nos vs.10-11.

ii. vs.4-5 A resposta indignada de alguns dos presentes. Não nos é dito exatamente quem são essas pessoas, mas é legítimo supor que os discípulos estavam entre eles. Novamente, eles demonstram uma falha em entender tudo o que Jesus está prestes a fazer em favor deles e a resposta adequada a isso. O cuidado aos pobres é menos importante do que honrar Jesus neste momento.

iii. vs.6-9 A interpretação da ação da mulher dada por Jesus. Jesus os repreende. Ele não os repreende por querer cuidar dos pobres – na verdade, ele lhes diz que haverá muitas oportunidades para continuar fazendo isso. É uma responsabilidade básica de seus seguidores. Em vez disso, ele os repreende por ter errado o *timing*. Ele está prestes a deixá-los (como ele sempre lhes disse) e eles ainda não veem a necessidade de honrá-lo. A prioridade deles neste momento deve ser reverenciá-lo, mas eles falham em vê-lo. Em contraste, a mulher agiu com total devoção a Jesus. Ela agiu profeticamente enquanto unge seu corpo para o enterro. Enquanto lemos o v.9, as palavras de Jesus são cumpridas, pois lembramos da ação dela e de seu significado. Jesus também faz uma previsão extraordinária aqui: sua morte será o evangelho, as boas novas, anunciado em todo o mundo.

2. UMA CEIA PARA RECORDAR (14.12-26)

Novamente Marcos nos conduz ao conhecimento do significado da iminente morte de Jesus: é o dia em que eles sacrificavam o cordeiro da Páscoa (v.12). Jesus demonstra seu total controle sobre a situação nos vs.13-16, enquanto ordena aos discípulos que sigam um conjunto detalhado de instruções com respeito ao banquete da Páscoa. Jesus tem um conhecimento prévio dos eventos que estão prestes a se desdobrar.

Jesus e seus discípulos começam a comer juntos nos vs.17-21. Jesus prediz que ele será traído por um deles e mais uma vez demonstra sua presciência. Marcos quer que saibamos que todos os discípulos imaginaram que qualquer um deles poderia ser o traidor (v.19). Portanto, enquanto Jesus deixa claro que a ação que Judas está prestes a tomar é terrível (v.21b), há um sentido de que poderia ter sido qualquer um dos discípulos. Eventos subsequentes nos capítulos 14 e 15 mostram Judas como traidor, mas os discípulos como negadores. Há uma diferença: os traidores planejam se livrar de Jesus, enquanto os negadores o abandonam passivamente. Portanto, existe uma ambiguidade na representação dos discípulos neste momento.

Nos vs.22-25, Jesus mostra aos discípulos que sua morte será o cumprimento das refeições da Páscoa. Pela morte de Jesus, Deus finalmente passará sobre o seu povo quando o julgamento chegar (cf. cap. 13). As palavras interpretativas que Jesus insere na liturgia da Páscoa (v.22b e vs.24-25) teriam sido chocantes para seus ouvintes originais. Os discípulos guardam silêncio nesse momento, mas com efeito Jesus está dizendo a eles: “É tudo sobre mim”.

É difícil superestimar o significado das palavras do v.24. Deus estabeleceu um pacto de graça com Abraão que foi ratificado por meio de uma morte sangrenta (Gênesis 15.10). Esse princípio de ratificação, apesar da morte sangrenta, continua em todas as administrações subsequentes desta aliança (por exemplo, a administração mosaica da aliança é confirmada pelo sangue em Êxodo 24.3-8). O profeta Jeremias (31.31-34) esperava um dia em que esse pacto seria final, uma nova aliança (é “nova” no sentido de que a Lei será agora escrita em seus corações, e não em tábuas de pedra – não é “nova” no sentido de ser uma aliança totalmente diferente. A aliança promete que Deus será o Deus deles e eles serão o seu povo é a mesma que foi feita a Abraão em Gn 17.7-8). O dia da nova aliança será um dia de perdão dos pecados (Jr 31.34).

Então, Jesus está dizendo que sua morte será a ratificação da administração final da aliança que Deus fez com Abraão. Tudo o que essa aliança esperava, tudo o que as administrações subsequentes da aliança antecipavam, agora está prestes a acontecer em sua morte. Seu sangue será derramado por muitos. Jesus enfatiza a natureza *“de uma vez por todas”* de sua morte por sua afirmação de que ele não beberá novamente do fruto da videira até o reino final (v.25).

Portanto, ao convidar seus discípulos para comer e beber, Jesus os convida a se apropriarem de sua morte. Jesus se entrega por eles e para eles e os convida a compartilhar os benefícios de sua morte.

PENSANDO NISSO

Nós entramos no pacto da graça pela fé na morte de Jesus por nós?

De que maneira podemos manter a morte de Jesus diante de nós?

Como posso responder com devoção generosa a Jesus por causa de sua morte por mim?

Como sustentamos a tensão entre a soberania de Deus na morte de Jesus e a responsabilidade dos homens maus que o mataram? O que acontece se falharmos em manter a tensão em qualquer direção?

MARCOS 14.27-52

ALVO

- *Ver a soberania de Deus na morte de Jesus.*
- *Ver a fraqueza do coração humano.*

CONTEXTO

Marcos continua o movimento implacável em direção à morte de Jesus. Jesus no início do capítulo 14 demonstrou seu controle e conhecimento dos eventos que estão prestes a se desenrolar (vs.8-9, 12-16, 18). Jesus não é pego de surpresa. Ele caminha espontaneamente em direção à sua morte. O capítulo 14 também continua a nos dar uma ideia do significado da morte de Jesus, que morre como o cordeiro da Páscoa (vs.1, 12); seu sangue é derramado como ratificação da nova aliança (v.24); seu sangue é derramado por muitos (v.24). A resposta apropriada à sua morte é generosidade (v.6) e se apropriar de tudo o que ele está prestes a fazer (vs.22-23).

Marcos também enfatizou a culpabilidade de Judas (vs.10-11, 21) e dos principais sacerdotes e escribas pela morte de Jesus. Judas intencionalmente procura trair Jesus (vs.10-11) e os governantes religiosos tentam prender Jesus e matá-lo (v.1).

A trajetória que Marcos definiu na parte inicial do capítulo 14 agora continua na próxima seção. Provavelmente, o versículo-chave é o v.27 – à medida que a história se desenrola, vemos Deus prestes a atacar o pastor (embora seja através das ações de homens maus) e as ovelhas sendo espalhadas.

ESTRUTURA

14.26-31 – O Pastor será atingido e as ovelhas serão dispersas.

14.32-42 – O Pastor ora e as ovelhas dormem.

14.43-52 – O Pastor começa a ser atingido e as ovelhas começam a dispersar.

1. O PASTOR SERÁ ATINGIDO E AS OVELHAS SERÃO DISPERSAS (14.26-31)

Jesus faz uma previsão arrepiante no v.27: *“Vocês todos me abandonarão”*. Ele então cita o profeta Zacarias no restante do v.27. O contexto desse versículo na profecia de Zacarias é que a dispersão faz parte de um processo de refinamento do povo de Deus. O remanescente será testado e refinado (Zc 13.9a). O final do processo será a reafirmação da promessa da aliança de Deus ao seu povo (Zc 13.9b cf. Marcos 14.24).

Mais uma vez, o impressionante é a obra de Deus. Jesus enfatiza essa nota da soberania divina ao tranquilizar os discípulos de que ele será ressuscitado e irá adiante deles na Galileia (v.28).

Mas, igualmente os vs.29-31 nos dizem que a dispersão também será obra de Deus. Pedro, caracteristicamente, insiste em não negar a Jesus. No entanto, Jesus prediz que Pedro o negará três vezes antes que a noite acabe. Essa previsão é cumprida em 14.72. Jesus está deixando claro a fraqueza do coração humano e a profunda necessidade que ele tem de morrer por nós.

2. O PASTOR ORA E AS OVELHAS DORMEM (14.32-42)

Jesus agora se retira para orar no v.32. Existem apenas três ocasiões no Evangelho de Marcos em que ele se retira para orar, e cada uma destas ocasiões marcam um ponto de decisão no ministério de Jesus (cf. 1.35ss; 6.46). Ele seguirá o caminho de Deus ou escolherá outro caminho?

A narrativa se concentra no verdadeiro sofrimento de Jesus no jardim – Jesus está “profundamente triste”, sua alma está “numa tristeza mortal”. A razão dessa agonia não é apenas o fato de Jesus saber que está prestes a morrer. Em vez disso, a chave é encontrada no v.36, onde ele ora para que o “cálice” seja afastado dele. Vimos que em 10.39 o “cálice” de que Jesus fala é o cálice da ira de Deus (cf. Jeremias 25.15-29; 49.12; Isaías 51.17-23) que ele beberá na cruz para que o povo de Deus não precise toma-lo. Isso será uma coisa terrível e Jesus, como alguém que é plenamente humano, recua com o pensamento. Mas, Jesus está totalmente comprometido em cumprir o propósito do Pai, por isso ele ora no v.36b: “não seja o que eu quero, mas sim o que tu queres”.

A outra grande dinâmica em ação nesta parte da narrativa é a resposta (ou a falta de resposta) dos discípulos.

Jesus, mais uma vez, leva consigo Pedro, Tiago e João (cf. 9.2), e nós os assumimos como representantes-chave dos discípulos e futuros líderes-chave da igreja. Jesus os pede para que permaneçam e vigiem (v.34). Imediatamente somos lembrados de suas ordens para eles ao longo do capítulo 13 (v.9, 23, 33-37), onde Jesus os encoraja a ficarem em guarda e a permanecerem vigilantes quando o julgamento futuro começar a romper sobre eles. Jesus está prestes a enfrentar o julgamento de Deus, e mais uma vez ele os encoraja a permanecerem acordados enquanto ele ora. Mas eles adormecem não uma vez, mas três vezes (v.37, 40, 41). A tríplice negação de Pedro que Jesus previu no v.30 é refletida nesse sono triplo. Os discípulos falham em permanecer em guarda e, portanto, não estão preparados para os eventos de julgamento que estão prestes a se desenrolar. Eles realmente serão espalhados.

O sono deles é quebrado nos vs.41-42. A traição que Jesus predisse no v.21 está prestes a acontecer e Jesus sabe disso. Tudo o que ele previu e o preparo dos discípulos agora deve acontecer, pois “Chegou a hora”.

3. O PASTOR COMEÇA A SER ATINGIDO E AS OVELHAS COMEÇAM A DISPERSAR (14.43-52)

A narrativa acelera no v.43 – “Enquanto ele ainda falava...”. Agora, todos os responsáveis pela morte de Jesus até agora estão em um só lugar ao mesmo tempo: Judas, os principais sacerdotes, os escribas e os anciãos. Todo o velho Israel está implicado e há uma dica de que o novo Israel também está. Marcos observa que Judas é “um dos doze”, em parte, para nos informar que a previsão de Jesus no v18 está para acontecer, de outra parte para apontar o dedo para os doze – É Judas quem trai Jesus, mas os demais estão dormindo.

Jesus repreende a multidão, que veio para prendê-lo, com palavras de ironia nos vs.48-49. Eles vêm fortemente armados à noite, como se ele fosse um ladrão. Por que eles não fizeram seu trabalho durante o dia, enquanto Jesus ensinava no templo? A resposta deve ser que eles não poderiam fazer o que eles fizeram sem a permissão de Deus. Isso acontece agora, pois “as Escrituras precisam ser cumpridas”. Isto provavelmente se refere à profecia de Zacarias 13. A traição e prisão do pastor marcam o início da aflição divina.

Esse entendimento é confirmado pelos vs.50-52. A aflição do pastor é acompanhada pela dispersão das ovelhas. Marcos simplesmente afirma que todos o deixaram e fugiram. Nenhum dos doze permaneceu com Jesus. Sua sonolência no jardim resulta na negação final de Jesus. O versículo 51 é particularmente cheio de ironia. O jovem segue Jesus (cf. 10.34), mas a perseguição dos homens é mais do que ele pode suportar. Em vez de estar associado a um homem que será crucificado em breve, ele prefere suportar a vergonha da nudez.

A narrativa revela o quanto o coração humano precisa ser mudado através da morte de Jesus.

PENSANDO NISSO

Graças a Deus que Jesus Cristo estava disposto a tomar o cálice da ira em nosso favor.

Como somos tentados a negá-lo agora? Como essa passagem nos encoraja a não o fazer?

MARCOS 14.53 – 15.15

ALVO

- *Ver que Jesus é crucificado em seus termos, apesar de sua inocência.*
- *Ver a culpa universal da humanidade.*

CONTEXTO

Marcos começou a descrever os eventos que levaram à morte de Jesus. Ele enfatizou a soberania de Deus ao atacar o pastor (Jesus; 14.27), mas também nos mostrou como as ovelhas (os discípulos) serão espalhadas. Isso é visto até esse momento na sonolência dos discípulos no jardim (14.32-42) e no total abandono deles a Jesus, após sua prisão (14.50).

Mais uma vez, o propósito da morte de Jesus foi enfatizado na referência ao “cálice” da ira (14.36). Marcos indica o completo horror dessa experiência iminente na descrição psicológica de Jesus em 14.33-34. A humanidade de Jesus fica muito evidente, mas sua submissão total em sua humanidade à vontade do Pai é igualmente clara (14.36b).

Marcos também estabeleceu a subtrama da negação a Jesus por parte de Pedro. Diante dos protestos de Pedro, Jesus previu que ele o negaria três vezes antes do galo cantar (14.27-31). Essa subtrama chega ao clímax em nossa passagem agora. Pedro, o mais perspicaz dos discípulos em muitos aspectos (cf. 8.29), é visto como um fracasso (14.66-72). Em 15.16 Jesus foi abandonado por todos que o apoiaram. Mais uma vez, Marcos está nos pressionando para ver por que Jesus deve morrer.

ESTRUTURA

14.53-65 – O velho Israel condena Jesus.

14.66-72 – O novo Israel nega Jesus.

15.1-15 – Os gentios condenam Jesus.

1. O VELHO ISRAEL CONDENA JESUS (14.53-65)

Marcos agora descreve o cumprimento das profecias que Jesus fez anteriormente no Evangelho. Jesus é entregue ao sumo sacerdote, aos anciãos e aos escribas (cf. 8.31; 10.33). Pedro está presente, embora esteja distante (v.54).

Marcos enfatiza a inocência de Jesus quando três vezes ele chama nossa atenção para a falta de evidências e as falsas testemunhas que são trazidas para testemunhar contra Jesus (vs.55-59). Ele

nos dá um exemplo das mentiras que eles contam no v.58, onde distorcem a verdade do ensino de Jesus.

[Marcos tece padrões de três ao longo da seção (e de fato ao longo do evangelho – 3 negações, 3 rejeições (líderes religiosos, governantes gentios, a multidão))]

Os homens responsáveis pela morte de Jesus não se enganam na sua oposição. Eles estão deliberadamente caminhando para matar um homem inocente.

Jesus notavelmente não responde as mentiras (vs.60-61). Ele está prestes a escolher as bases pelas quais será julgado, a fim de mostrar sua identidade e sua obra. Além disso, seu silêncio nos leva de volta às profecias do servo sofredor de Isaías 53.7 – Este é o cordeiro sacrificial de Deus que permanece em silêncio diante de seu iminente massacre nas mãos de seus opressores. Há uma ironia aqui, uma vez que o sumo sacerdote é o encarregado de matar o cordeiro da expiação a cada ano. Aqui ele é responsável pela morte do cordeiro final da expiação.

Jesus finalmente responde a questão do sumo sacerdote no v.61. Marcos começou sua narrativa nos dizendo que este é o evangelho de Jesus Cristo, o Filho de Deus (1.1). Agora, o sumo sacerdote pede que Jesus confirme sua identidade nesses termos exatos. Jesus responde afirmativamente no v.62, mas continua acrescentando que ele é o Filho do Homem que virá nas nuvens do céu. Ele é a figura divina de Daniel 7 que um dia julgará aqueles que agora pretendem julgá-lo (cf. Marcos 8.39). Jesus escolhe as bases pelas quais ele será condenado.

A resposta do sumo sacerdote nos vs.63-64 revela a importância das palavras de Jesus. Se não são verdadeiras, são blasfemas. Se são verdadeiras, a culpa do sumo sacerdote é exposta. As bases pelas quais Jesus deve ser morto são verdadeiras. Observe que Marcos enfatiza a responsabilidade corporativa dos líderes religiosos do antigo Israel no v.64: “Todos o julgaram digno de morte”.

Mais uma vez o v.65 cumpre as previsões de Jesus em 8.31; 9.31 e 10.34. Jesus é ridicularizado e cuspidado. A ironia do chamado à profecia é que Jesus profetizou esses eventos e acabou de profetizar sua identidade no v.62. Ninguém está ouvindo (cf. Marcos 4.10ss).

2. O NOVO ISRAEL NEGA JESUS (14.66-72)

Os vs.66-72 representam alta tragédia. No momento em que Pedro proferiu sua afirmação de que não negaria a Jesus, houve um movimento implacável até este ponto.

Pedro é perseguido pela criada e, diante de suas acusações, nega Jesus duas vezes. A acusação dos espectadores no v.70 traz uma resposta ainda mais acalorada de Pedro no v.71: Ele invoca uma maldição sobre si mesmo e jura enquanto nega Jesus pela terceira vez e o galo canta pela segunda vez. Novamente, há ironia aqui – Jesus está prestes a morrer por alguém que prefere ser amaldiçoado a ter que tomar sua cruz e segui-lo. A tríplice sonolência dos discípulos agora refletida pela tríplice negação de Pedro. Até o novo Israel nega Jesus no momento de sua morte.

Mas existe esperança. Pedro demonstra uma forte tristeza ao chorar no v.72b. Jesus disse aos discípulos prestes a serem dispersos em 14.28 que ele iria adiante deles para a Galileia após a ressurreição. Eles serão reunidos depois que Jesus morrer e ressuscitar por eles.

3. OS GENTIOS CONDENAM JESUS (15.1-15)

Os líderes religiosos judeus agora entregam Jesus aos líderes gentios. Mais uma vez, as palavras de Jesus estão sendo cumpridas (cf. Marcos 10.33).

Jesus permanece calado diante de Pilatos, paralelamente ao seu silêncio diante do sumo sacerdote (vs.4-5 cf. 14.61). Mas, novamente, quando Jesus fala é para afirmar sua identidade – Ele é realmente o Rei dos judeus (v.2). O principal tema dos capítulos iniciais do evangelho é novamente destacado por Jesus. Ele morrerá pela verdade.

A sequência de Barrabás nos vs.6-15 revela várias ideias-chave. Marcos apresenta outro padrão de “três” – Pilatos faz à multidão três perguntas (vs.9, 12, 14). A inocência de Jesus é estabelecida – Pilatos sabe que os principais sacerdotes querem Jesus morto por inveja (v.10) e que Jesus não fez nenhum mal (v.14). Pilatos é retratado como culpado pela morte de Jesus – ele sabe que Jesus é inocente de qualquer crime genuíno (v.14) e ainda entrega Jesus para ser crucificado, a fim de satisfazer a multidão. Além disso, a multidão que havia aclamado Jesus como rei apenas alguns dias antes (11.8-10), agora querem vê-lo morto. O velho Israel se une ao governante gentio na condenação de Jesus (10.33).

Por fim, Marcos novamente aponta para uma característica essencial do significado da cruz. O inocente Jesus morre para que o criminoso Barrabás possa ser livre. Marcos nos disse que Jesus morrerá como resgate por muitos (10.45) e isso agora é ilustrado graficamente na libertação de Barrabás, pouco antes da própria cruz.

PENSANDO NISSO

Como essa passagem muda nossa visão de Jesus? E de nós mesmos?

Como tentamos evitar nossa culpa pela morte de Jesus?

Graças a Deus que Jesus estava preparado para morrer como um homem inocente por pessoas culpadas como nós.

MARCOS 15.16 – 16.8

ALVO

- *Ver o significado da morte de Jesus e como devemos responder a ela.*

CONTEXTO

Marcos está prestes a levar seu evangelho a um clímax e a uma conclusão. O ensino de Jesus sobre sua pessoa e obra, capítulos 1 – 14, está prestes a se concretizar nos eventos que cercam sua morte.

O capítulo 14 e a parte inicial do capítulo 15 descreveram graficamente a soberania de Deus na morte de Jesus. Jesus vai de bom grado à sua morte e escolhe os motivos pelos quais se revelará: que Ele é o Cristo, o Filho do Deus Bendito e o Filho do Homem (14.61-62); Ele é o Rei dos Judeus (15.2). Ele é o servo sofredor e o cordeiro sacrificial que permanece calado diante de seus acusadores (14.61; 15.5; cf. Is 53.7). Jesus morre em lugar de um criminoso condenado (15.6ss). Jesus é o Filho do Homem que um dia voltará para julgar seus acusadores (14.62).

Mas Marcos também desenhó graficamente uma imagem da fraqueza do coração humano. Os discípulos dormem três vezes (14.32-42), Pedro nega a Jesus três vezes (14.66-72) e os líderes judeus, um governante gentio (Pilatos) e a multidão judaica condenam Jesus (14.53 – 15.15). Marcos enfatiza constantemente a inocência de Jesus – três vezes ele diz que Jesus é confrontado com falsas acusações e testemunhas falsas (14.55-59). Toda a humanidade é culpada pela morte de Jesus.

ESTRUTURA

15.16-41 – A morte do Rei.

15.42-47 – O sepultamento do Rei.

16.1-8 – A ressurreição do Rei.

1. A MORTE DO REI (15.16-41)

Esta seção representa o cumprimento das Escrituras do AT (por exemplo: Isaías 53 e Salmo 22), mas também o cumprimento das profecias de Jesus (Marcos 8.31; 9.31 e 10.34). Isso mais uma vez serve para destacar o propósito e a soberania de Deus na morte de Jesus.

Vários temas são entrelaçados:

i. Jesus é o Rei dos judeus.

Marcos repousa na ironia para deixar bem claro esse ponto. Os soldados nos vs.16-20 zombam de Jesus como o rei dos judeus, vestindo-o com uma coroa falsa, com um manto de púrpura e

prestando-lhe uma homenagem falsa. As autoridades colocam acima da cruz uma inscrição sobre Jesus como o rei dos judeus e os principais sacerdotes zombam dele como o rei de Israel. Eles querem que ele se salve saindo da cruz para que “possam ver e crer”.

O centurião, em contraste com os principais sacerdotes, “vê” a maneira como Jesus morre e reconhece o morto Jesus como o Filho de Deus – 15.39 (um título real no evangelho de Marcos). Jesus é rei, mas seu trono é uma cruz e ele realiza sua obra de salvação através sua morte.

ii. Jesus suporta o juízo de Deus no lugar dos pecadores.

As pessoas que cercam a cruz desprezam e não compreendem a Jesus. Os que passavam ridicularizam-no (v.29), os principais sacerdotes e escribas zombam dele (v.31), aqueles que estão crucificados com ele o criticam (v.32) e outros que pensam que ele está chamando Elias (v.35). Jesus é universalmente rejeitado na cruz.

Essa rejeição leva à rejeição do Filho pelo Pai. Os espectadores merecem julgamento por rejeitarem o Filho, mas é Jesus quem carrega o julgamento do Pai. A escuridão durante o dia é um sinal de julgamento no AT (cf. Êxodo 10.21; Amós 8.9ss). Jesus cita o Salmo 22 em um grito de abandono (v.34). O Filho bebe o cálice da ira do Pai contra a humanidade pecaminosa (cf. 10.38; 14.36 – pode haver uma nota de ironia em 15.36, onde eles oferecem a Jesus algo para beber quando ele está bebendo o cálice da ira de Deus).

iii. A morte de Jesus é eficaz.

No ponto em que Jesus parece ser derrotado, Marcos nos leva a perceber que ele conseguiu tudo o que se propôs a fazer. No v.37, a palavra grega para “expirou” implica uma morte deliberada. Jesus escolhe quando ele morrerá (presumivelmente quando o cálice estiver vazio). É isso que convence o centurião de sua identidade (v.39).

Além disso, a cortina do templo que mantinha os pecadores afastados do Santo dos Santos, é dividida em duas. O caminho para Deus agora está aberto através da morte de Jesus. Para explicar isso, Marcos tem um centurião gentio, encarregado de matar Jesus, que vê e crê (v.39).

Há uma nota de esperança também nos vs.40-41. Embora os discípulos tenham sido dispersos, um grupo de mulheres permanece perto de Jesus. As palavras do v.41 enfatizam que elas seguiram Jesus até Jerusalém (cf. 8.34) e não o abandonaram totalmente.

2. O SEPULTAMENTO DO REI (15.42-47)

Esta seção também serve a vários propósitos. Se o centurião representava um gentio respondendo corretamente à morte de Jesus, José representa um judeu respondendo corretamente. José estava procurando o reino de Deus (v.43) e presumimos que, desde que ele foi pedir o corpo de Jesus, ele pensou que isso deveria acontecer de alguma maneira através de Jesus, mesmo que ele estivesse morto.

Marcos também tem uma agenda apologética. O ceticismo sobre a ressurreição não se limita à nossa época, então Marcos evidencia que Jesus realmente estava morto:

- Pilatos fica surpreso que Jesus já está morto (v.44).
- O soldado confirma a morte de Jesus (v.45).
- José fecha com uma pedra a sepultura (v.46).
- As duas Marias sabiam exatamente onde Jesus foi sepultado – não existe a possibilidade de elas terem ido na sepultura errada no dia seguinte (v.47).

3. A RESSURREIÇÃO DO REI (16.1-8)

Marcos marca o sepultamento e a ressurreição de Jesus com uma referência ao sábado (14.42; 15.1). Mais uma vez, é um indicativo do fato de que na morte e ressurreição os propósitos finais de Deus para sua criação encontram seu cumprimento em Jesus.

As palavras do anjo nos vs.6-7 resumem e concluem o Evangelho – Jesus foi crucificado (como ele disse que seria), ressuscitou (como ele disse que seria) e foi adiante deles para a Galileia (como ele disse que iria em 14.28). Além disso, Pedro é apontado pelos discípulos para ouvir as notícias (v.7). Há esperança de que Pedro, o arqueiro negador, seja restaurado e perdoado por causa da morte e ressurreição de Jesus. Se Pedro pode ser perdoado, qualquer um pode.

O Evangelho de Marcos tem um final abruptamente infame no v.8, concluindo com uma nota de medo. Pode haver várias razões para isso:

- O final original foi perdido. Se foi, foi perdido de acordo com a providência de Deus e ele queria que o Evangelho terminasse assim.
- Marcos deixa o leitor esperando, perguntando “o que acontece a seguir?”. A maioria dos leitores sabem – a igreja se expande.
- Marcos deixou claro desde o início que este é o começo do evangelho de Jesus Cristo (1.1). Sua principal preocupação é Jesus e ele conclui tudo o que quer dizer sobre Jesus nos vs.6-7. Ele teve uma visão bastante baixa da capacidade espiritual humana ao longo do evangelho (por exemplo: 7.14ss) e, portanto, termina deliberadamente contrastando a fidelidade vitoriosa de Jesus (v.7) com o medo de seus seguidores (v.8). Jesus é tão grande que ele construirá sua igreja mesmo que seja através de pessoas como estas.

PENSANDO NISSO

Graças a Deus pelo evangelho de Marcos.

Como você cresceu em conhecer Jesus através deste evangelho?

Como você cresceu para se conhecer melhor através deste evangelho?

Você se alinha com o centurião e José ou com a multidão?